

Universidade Federal do Rio de Janeiro
Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano e Regional
Programa de Pós-Graduação em Planejamento Urbano e Regional

LEONARDO MACHADO COELHO MONTEIRO

**O PROGRAMA DE URBANIZAÇÃO “PAC-FAVELAS”
VISUALIZADO ATRAVÉS DE REPRESENTAÇÕES DO
COTIDIANO INFANTO-JUVENIL EM MANGUINHOS - RJ**

**– a materialização da pobreza, da privação e da vulnerabilidade
diante da desigualdade social –**

LEONARDO MACHADO COELHO MONTEIRO

**O PROGRAMA DE URBANIZAÇÃO “PAC-FAVELAS”
VISUALIZADO ATRAVÉS DE REPRESENTAÇÕES DO
COTIDIANO INFANTO-JUVENIL EM MANGUINHOS - RJ**

**– a materialização da pobreza, da privação e da vulnerabilidade
diante da desigualdade social –**

Dissertação apresentada ao curso de Mestrado do Programa de Pós-Graduação em Planejamento Urbano e Regional da Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ, como parte dos requisitos necessários à obtenção do grau de mestre em Planejamento Urbano e Regional.

Orientador: Prof. Dr. Mauro Kleiman

Rio de Janeiro
2024

CIP - Catalogação na Publicação

M775p Monteiro, Leonardo Machado Coelho
O programa de urbanização "pac-favelas" visualizado através de representações do cotidiano infanto juvenil em manguinhos - rj - a materialização da pobreza, da privação e da vulnerabilidade diante da desigualdade social / Leonardo Machado Coelho Monteiro. -- Rio de Janeiro, 2024.
88 f.

Orientador: Mauro Kleiman.
Dissertação (mestrado) - Universidade Federal do Rio de Janeiro, Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano e Regional, Programa de Pós Graduação em Planejamento Urbano e Regional, 2024.

1. Pac-favelas. 2. Políticas públicas. 3. Infanto juvenil. 4. Ilustrações. I. Kleiman, Mauro, orient.
II. Título.

LEONARDO MACHADO COELHO MONTEIRO

**O PROGRAMA DE URBANIZAÇÃO “PAC-FAVELAS”
VISUALIZADO ATRAVÉS DE REPRESENTAÇÕES DO
COTIDIANO INFANTO-JUVENIL EM MANGUINHOS – RJ:
a materialização da pobreza, da privação e da vulnerabilidade
diante da desigualdade social**

Dissertação apresentada ao curso de Mestrado do
Programa de Pós-Graduação em Planejamento Urbano e
Regional da Universidade Federal do Rio de Janeiro –
UFRJ, como parte dos requisitos necessários à obtenção
do grau de mestre em Planejamento Urbano e Regional.

Aprovado em **25 / 06 / 2024.**

BANCA EXAMINADORA

Documento assinado digitalmente
 **MAURO KLEIMAN**
Data: 28/08/2024 18:15:30-0300
Verifique em <https://validar.it.gov.br>

Prof. Dr. Mauro Kleiman – Orientador

Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano e Regional – UFRJ

Documento assinado digitalmente
 **VIVIANI DE MORAES FREITAS RIBEIRO**
Data: 29/08/2024 08:11:56-0300
Verifique em <https://validar.it.gov.br>

Prof. Dra. Viviani de Moraes Freitas Ribeiro

Instituto Estadual do Ambiente – INEA

Documento assinado digitalmente
 **RENATA BASTOS DA SILVA**
Data: 26/08/2024 12:58:02-0300
Verifique em <https://validar.it.gov.br>

Prof. Dra. Renata Bastos da Silva

Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano e Regional – UFRJ

Documento assinado digitalmente
 **ORLANDO ALVES DOS SANTOS JUNIOR**
Data: 28/08/2024 16:44:16-0300
Verifique em <https://validar.it.gov.br>

Prof. Dr. Orlando Alves dos Santos Junior

Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano e Regional – UFRJ

Este trabalho é dedicado à minha esposa, Leticia Rodrigues, à minha terapeuta, Regina Monnerat e ao Instituto Estadual do Cérebro Paulo Niemeyer, que juntos e paralelamente me proporcionaram um ambiente de vida que viabilizasse a concentração dos meus esforços para conclusão do curso.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, gostaria de agradecer às crianças e adolescentes de Manguinhos que, a partir do projeto Tecendo Redes, organizado pela Professora Doutora Paula Bonatto, contribuíram para formação da base documental analisada. Hoje são adultos e espero que tenham a oportunidade de ler esta pesquisa.

Deixo aqui registrada as dificuldades simultâneas enfrentadas ao longo dos últimos anos, fossem estas nos âmbitos familiar, saúde, trabalho ou pesquisa. As barreiras que tive que romper para conclusão desta dissertação são incalculáveis. Adversidades relacionadas a família, bem como os obstáculos que foram superados na saúde, ganham destaque nesse processo de desenvolvimento textual.

Agradeço a minha esposa, Leticia Rodrigues, que mesmo diante de todas as dificuldades sempre esteve ao meu lado, sem hesitar por um único momento em me apoiar e disposta a ouvir meus desabaços, o que considero essencial para alinhar a qualidade dos pensamentos.

Agradeço as minhas lindas sobrinhas e afilhadas, que me proporcionaram momentos de felicidade sincera, espontânea e saudável. Lavínia e Antonella, os nomes de vocês ficarão marcados nesta página para que qualquer pessoa que tenha a oportunidade de apreciar esta pesquisa saiba o quanto de carinho e amor vocês me proporcionaram.

Ao meu orientador Mauro Kleiman, que com sua plenitude, elegância, formalidade e paciência, conseguiu suportar e acolher minhas demandas imprevisíveis e variadas.

A toda comunidade ippuriana por seu apoio contínuo e colaboração. É através do compartilhamento de conhecimentos, debates construtivos e trabalho conjunto que alcançamos avanços significativos em nossas respectivas áreas.

Aos meus amigos de longa data, Lara, Karenn, Cayo e Júlio, que direta e/ou indiretamente me incentivaram nesta conquista! Nossas conversas sobre variados assuntos, que vão de novos relacionamentos até geopolítica, enriquecem os meus entendimentos sobre a vida.

Gostaria de expressar a minha mais profunda gratidão à ilustre banca examinadora pela sua dedicação, apoio e valiosas contribuições durante a defesa da minha dissertação. Suas perspicazes observações, questionamentos e sugestões foram fundamentais para aprimorar minha pesquisa e elevar sua qualidade acadêmica.

Não posso deixar de demonstrar minha gratidão pelas competências psicanalista e clínica, que me ampararam nestes difíceis anos de vida, repletos de crises e impasses. São estes representados, respectivamente, por minha terapeuta, Regina Monnerat, além da equipe multidisciplinar do Instituto Estadual do Cérebro Paulo Niemeyer, especialmente o Setor de Epilepsia, pois me proporcionou uma condição de saúde estável para conclusão desta missão.

Por fim, agradeço a ciência e a arte, que podem caminhar tranquilamente juntas, desde que dialoguem com a transparência necessária para elaboração de uma bela pesquisa.

(...) Percebi que chegaram novas pessoas para a favela. Estão maltrapilhas e as faces desnutridas. Improvisaram um barracão. Condoí-me de ver tantas agruras reservadas aos proletários. Fitei a nova companheira de infortúnio. Ela olhava a favela, suas lamas e suas crianças paupérrimas. Foi o olhar mais triste que eu já presenciei. Talvez ela não mais tem ilusão. Entregou sua vida aos cuidados da vida.

...Há de existir alguém que lendo o que eu escrevo dirá... isto é mentira!

Mas, as misérias são reais. ...O que eu revolto é contra a ganancia dos homens que espremem uns aos outros como se espremesse uma laranja.

Carolina Maria de Jesus

RESUMO

Trata-se do aperfeiçoamento de uma pesquisa realizada junto ao IOC/Fiocruz (MONTEIRO, 2019). Todavia, em oportunidade, esta dissertação foi explorada sob a ótica de novos autores e reforçando os entendimentos sobre os impactos promovidos no cotidiano da região de Manguinhos – RJ diante do programa de urbanização PAC-favelas. A partir das análises compreendemos que o PAC promoveu uma reconfiguração da dinâmica urbana do território. No entanto, se estas mudanças foram positivas ou negativas, o texto irá expor seus posicionamentos. Esta pesquisa teve por anseio promover a investigação e análise das visões do público infanto-juvenil em Manguinhos, zona norte do Rio de Janeiro, em relação às influências da política pública do Programa de Aceleração do Crescimento (PAC) implementada nessa localidade, sendo considerada um complexo de favelas. O trabalho se desenvolveu como pesquisa teórica e documental qualitativa, tendo como base os dados gerados pelo processo educativo do projeto Tecendo Redes por um Planeta Terra Saudável/Museu da Vida/Fiocruz (TR), que desenvolveu ações educativas na relação entre o museu e escolas públicas de sua localidade de inserção. A metodologia da pesquisa parte da análise de documentos e ilustrações desenvolvidas por crianças e adolescentes, com a produção de Discursos do Sujeito Coletivo (Lefèvre & Lefèvre), buscando conhecer as expectativas e avaliações da realidade vivenciada pelo público infanto-juvenil em Manguinhos no período de 2008 e 2012. A análise teve como base a teoria dos Enunciados (BAKHTIN, 1895-1975), e buscou identificar o teor das ideias-chave que orientam as expressões infanto-juvenis em relação ao período de implantação do PAC em Manguinhos.

Palavras-chave: pac-favelas; políticas públicas; infanto-juvenil; ilustrações.

ABSTRACT

This is an improvement on research carried out at IOC/Fiocruz (MONTEIRO, 2019). However, this dissertation was explored from the perspective of new authors and reinforced the understanding of the impacts on the daily life of the Manguinhos - RJ region of the PAC-favelas urbanization programme. Based on the analysis, we understand that the PAC promoted a reconfiguration of the territory's urban dynamics. However, whether these changes were positive or negative, the text will expose its positions. The aim of this research was to investigate and analyze the views of Children`s and young adult people in Manguinhos, in the northern zone of Rio de Janeiro, in relation to the influences of the public policy of the Growth Acceleration Program (PAC) implemented in this location, which is considered to be a favela complex. The work was developed as a qualitative theoretical and documentary study, based on the data generated by the educational process of the Weaving Networks for a Healthy Planet Earth/Museum of IOC/Fiocruz (TR) project, which developed educational actions in the relationship between the museum and public schools in its locality. The research methodology is based on the analysis of documents and illustrations developed by children and adolescents, with the production of Collective Subject Discourses (Lefèvre & Lefèvre), seeking to understand the expectations and evaluations of the reality experienced by children and adolescents in Manguinhos between 2008 and 2012. The analysis was based on the theory of utterances (BAKHTIN, 1895-1975), and sought to identify the content of the key ideas that guide Children`s and young adult expressions in relation to the period of implementation of the PAC in Manguinhos.

Keywords: pac-slum; public policies; children`s and young adult; illustrations.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – O ciclo das Políticas Públicas	20
Figura 2 – Quadro de coparticipação das esferas no PAC-Manguinhos	33
Figura 3 – Mapa da orientação geográfica dos limites de Manguinhos	39
Figura 4 – Distribuição das favelas do Complexo de Manguinhos em 2013	40
Figura 5 – Mapa de localização das escolas que participaram da pesquisa	41
Figura 6 – Ficha utilizada pelo Tecendo Redes no ano de 2008	46
Figura 7 – Ilustrações de estudantes da Escola Municipal Albino de Souza Cruz; idade: 11 anos; série escolar: 6º ano	52
Figura 8 – Ilustrações de estudantes da Escola Municipal Maria de Cerqueira e Silva; idade: 10 e 11 anos; série escolar: 6º ano	53
Figura 9 – Ilustrações de estudantes da Escola Municipal Maria de Cerqueira e Silva; idade: 11 anos; série escolar: 6º ano	54
Figura 10 – Ilustrações de estudantes da Escola Municipal Ruy Barbosa; idade: 10 e 16 anos; série escolar: 6º ano e 9º ano	55
Figura 11 – Ilustrações de estudantes da Escola Municipal Professora Maria de Cerqueira e Silva; idade: 10 e 11 anos; série escolar: 6º ano	55
Figura 12 – Ilustrações de estudantes da Escola Municipal Professora Maria de Cerqueira e Silva; idade: 11 e 13 anos; série: 6º ano	56
Figura 13 – Ilustrações de estudantes da Escola Municipal Professora Maria de Cerqueira e Silva; idade: 11 e 13 anos; série: 6º ano	57
Figura 14 – Ilustrações de estudantes da Escola Municipal Maria de Cerqueira e Silva; idade: 11 anos; série: 6º ano	57
Figura 15 – Ilustrações de estudantes da Escola Municipal Albino de Souza Cruz; idade: 11 anos; série escolar: 6º ano	58
Figura 16 – Ilustrações de estudantes da Escola Municipal Professora Maria de Cerqueira e Silva; idade: 10 e 12 anos; série escolar: 6º ano	59
Figura 17 – Ilustrações de estudantes da Escola Municipal Professora Maria de Cerqueira e Silva; idade: 11 anos; série escolar: 6º ano	60
Figura 18 – Ilustrações de estudantes da escola Municipal Albino de Souza Cruz; idade: 11 anos; série escolar: 6º ano	61
Figura 19 – Ilustrações de estudantes da Escola Municipal Escola Municipal Presidente Juscelino Kubitschek; idade: 10 anos; série escolar: 6º ano	61

Figura 20 – Ilustrações de estudantes da Escola Municipal Professora Maria de Cerqueira e Silva; idade: 11 anos; série escolar: 6º ano	62
Figura 21 – Ilustrações de estudantes da Escola Municipal Presidente Juscelino Kubitschek; idade: 11 anos; série escolar: 6º ano	62
Figura 22 – Ilustrações de estudantes da Escola Municipal Maria de Cerqueira e Silva; idade: 10 e 11 anos; série escolar: 6º ano	63
Figura 23 – Ilustrações de estudantes da Escola Municipal Presidente Juscelino Kubitschek; idade: 11 anos; série escolar: 6º ano	65
Figura 24 – Rio Jacaré, Manguinhos – RJ	74
Figura 25 – Senhor com dificuldades de locomoção, Manguinhos - RJ	78
Figura 26 – Alagamento na Rua São José, Manguinhos - RJ	78
Figura 27 – Casa afetada pelas obras do PAC, Manguinhos – RJ	79
Figura 28 – Área denominada "Iraque" na Rua São José, Manguinhos – RJ	79

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

C&T: Ciência e Tecnologia

CCPL: Cooperativa Central dos Produtores de Leite

CHP-2: Centro Habitacional Provisório 2

CNDSS: Comissão Nacional sobre Determinantes Sociais da Saúde

D-SUP: Sistema de Declaração das Sociedades Uniprofissionais

DSC: Discurso do Sujeito Coletivo

DSS: Determinantes sociais da saúde

Fiocruz: Fundação Oswaldo Cruz

MPRJ: Ministério Público do Estado do Rio de Janeiro

OMS: Organização Mundial da Saúde

PAC: Programa de Aceleração do Crescimento

PIB: Produto Interno Bruto

PROSANEAR: Programa de Saneamento para Populações de Baixa Renda

RJ: Rio de Janeiro

RS: Representações Sociais

SNCT: Semana Nacional de Ciência e Tecnologia

TR: Projeto Tecendo Redes por um Planeta Terra Saudável

TV: Televisão

UPP: Unidade de Polícia Pacificadora

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	15
2 O PAC EM MANGUINHOS - RJ.....	31
2.1 A ação educativa Tecendo Redes por um Planeta Terra Saudável	33
2.2 Descrição do lócus da pesquisa.....	38
3 REPRESENTAÇÃO SOCIAL, ENUNCIADO E LEFÈVRE & LEFÈVRE.....	43
4 DISCURSOS COLETIVOS E ILUSTRAÇÕES	51
4.1 Sistematização dos desenhos e discursos referentes ao ano de 2008 .	51
4.2 Sistematização dos discursos referentes ao ano de 2012	68
4.3 Análise de resultados	72
5 CONCLUSÃO	81
REFERÊNCIAS	83

1 INTRODUÇÃO

O estudo que aqui apresentamos tem como foco a análise da implantação de políticas públicas de urbanização espelhada nas visões de estudantes de escolas públicas locais. A intenção da pesquisa é analisar como crianças e adolescentes moradores da região de Manguinhos, bairro composto por favelas na zona norte do município do Rio de Janeiro, absorveram e expressaram as informações decorrentes das políticas públicas de urbanização que aconteciam nas portas de suas casas durante o final da década de 2010. A sistematização dos depoimentos e desenhos dessas crianças e adolescentes serão vistas à luz da análise qualitativa que embasa o presente estudo.

A importância deste projeto está na possibilidade de se construir uma reflexão sobre o que pensam e quais as expectativas de crianças e adolescentes de favelas diante de interferências de políticas públicas, em nosso caso, o Programa de Aceleração do Crescimento realizado em Manguinhos, RJ, no período 2007-2010 (primeira fase). Ademais, essas reflexões serão a base para se buscar compreender os impactos das promessas construídas sobre os efeitos dessas políticas diante do que acontece na realidade de vida dessas crianças e adolescentes. Partimos do pressuposto de que as expressões deste público, além de apresentar especificidades próprias das experiências e pensamentos dessas faixas etárias, refletem aspectos do pensamento social como um todo. Utilizando a técnica de análise do Discurso do sujeito coletivo (DSC) (LEFÈVRE & LEFÈVRE, 2014), e as teorias de Bakhtin (1895-1975) buscamos sistematizar escritos e desenhos para encontrar sentidos que a população local atribuiu às intervenções do Estado por meio de suas políticas públicas de urbanização. Outrossim, não podemos deixar de mencionar a retomada do PAC no ano de 2023 (DIEESE, 2023), porém, o presente estudo não irá examinar esta pauta. De todo modo, até a presente data o novo PAC não prevê intervenções na região de Manguinhos – RJ. Faço a colocação para dar ênfase na expectativa de que surjam novas pesquisas relacionadas a este campo, sem deixar de levar em consideração o trauma global vinculado a pandemia da COVID-19.

O PAC, Programa de Aceleração do Crescimento, é um projeto do governo federal que permitiu a liberação de verbas, aplicação, formação de novos projetos e infraestrutura visando impactar a sociedade principalmente no âmbito econômico e de grandes negócios, como podemos observar na posição do Ministério do Planejamento (2015):

O PAC, Programa de Aceleração do Crescimento, criado em 27 de janeiro de 2007, através do decreto 6.025, representa um novo modelo de planejamento, gestão e execução do investimento público. Articula projetos de infraestrutura públicos e privados e medidas institucionais para aumentar o ritmo de crescimento da economia. Modernizar a infraestrutura, melhorar o ambiente de negócios, estimular o crédito e o financiamento, aperfeiçoar a gestão pública e elevar a qualidade de vida da população são alguns dos objetivos do PAC. É também um instrumento de inclusão social e de redução das desigualdades regionais. Suas ações e obras geram empregos que garantem renda e consumo para milhares de trabalhadores e suas famílias (BRASIL, 2015)

Nossa leitura da citação acima permite destacar duas categorias de parâmetros como objetivos dessa política: o econômico e o social. O primeiro, espelhado nas palavras Infraestrutura, economia e incentivo ao consumo e o segundo, pela preocupação de que a política pública atue como “instrumento de inclusão social e redução das desigualdades regionais”. Percebe-se que a ênfase da citação remete à primeira intenção: “para aumentar o ritmo da economia”. Nesse sentido os instrumentos de inclusão social parecem destinados a ocorrer como uma consequência dos primeiros processos. Se isso aconteceu dessa forma em Manguinhos, é um dos aspectos que buscamos verificar nesse estudo.

A partir deste cenário nosso intuito é correlacionar teorias, conceitos e práticas sob a perspectiva da educação dialógica, envolvendo resultados do trabalho de estudantes, professores, educadores do Museu da Vida e pesquisadores com a meta de consolidar uma reflexão crítica¹ de cunho coletivo acerca dos temas abordados.

O projeto busca contribuir para situar a importância da educação dialógica na sociedade de classes da atualidade, conhecendo e analisando atividades e materiais

¹ Para Freire, a curiosidade tem duas vertentes: a ingênua, que “desarmada” associa-se ao saber do senso comum; e a epistemológica que, criticizando-se adota posturas metodicamente rigorosas ao objeto cognoscível. Ver FREIRE, Paulo, *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. 54ª ed – Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2016, p. 17-18.

educativos produzidos em uma conjuntura histórica específica, dando sentido ao desenvolvimento de métodos educativos que priorizem formas de escuta e de produção de reflexões tendo como base a realidade das pessoas de favelas e periferias, tornadas vulneráveis pelo modo de produção capitalista.

O objetivo geral do presente estudo é compreender os impactos na dinâmica urbana gerados pelo PAC-favelas em Manguinhos, no período de 2007 a 2012, começando pela análise das expectativas criadas pelas promessas feitas por uma política pública de urbanização, a partir dos desenhos e discursos produzidos pelo público infanto-juvenil sobre a realidade em que vivem, seu imaginário e perspectivas de futuro, tendo como base documentos gerados pelo processo educativo do projeto Tecendo Redes por um Planeta Terra Saudável² (TR), polo Manguinhos.

Podemos sintetizar a proposta com a seguinte questão central: como o público infanto-juvenil de uma região de favela expressa uma política pública de urbanização e suas contradições em um dado momento histórico?

Como objetivos específicos elegemos: sistematizar desenhos e depoimentos escritos coletados pelo projeto TR junto às crianças e adolescentes de escolas públicas municipais da região de Manguinhos e entorno no período de 2008 e 2012; identificar questões centrais no pensamento do público infanto-juvenil de Manguinhos em relação à realidade em que viveram nos anos de 2008 e 2012; e, correlacionar os dados sistematizados com as teorias em questão.

Nossa hipótese é a de que as análises das expressões desse público infanto-juvenil, geradas a partir de processos educativos entre museu e escolas, podem contribuir para uma maior compreensão sobre como as políticas públicas realizadas nas favelas impactam o imaginário, a realidade e as perspectivas de futuro de seus

² O projeto Tecendo Redes por um Planeta Terra Saudável nasceu em 2007 e se constituiu na região de São Cristóvão na colaboração entre o Museu de Astronomia e Ciências Afins e o Colégio Pedro II e Escolas Públicas Municipais da 1ª. CRE, em Manguinhos os participantes foram o Museu da Vida/COC/FIOCRUZ e Escolas Municipais da 3ª. e 4ª. CRE, no Jardim Botânico, o Instituto de Pesquisa Jardim Botânico do Rio de Janeiro (IPJB), que trabalhou com Escolas Municipais da 2ª. CRE. A mediação interinstitucional foi feita por museus pertencentes a essas instituições de pesquisa e pela Secretaria Municipal de Educação (SME) do Rio de Janeiro, bem como pelas Coordenadorias Regionais de Educação (CRE) referentes a essas regiões. Para maiores orientações sobre o projeto, vide: FIOCRUZ (2012).

moradores. Esperamos também que a pesquisa evidencie contradições, apontadas pelas expressões destas crianças e adolescentes, no que concerne à implantação de políticas públicas de urbanização no Brasil.

Como base para se compreender o sentido, as propostas e contradições do PAC como política pública destacamos aqui aspectos da situação de favela em Manginhos e ações de seus sujeitos sociais, individuais e coletivos, incluindo do Estado, direcionador das políticas públicas.

Na intenção de abordar conceitualmente o termo política pública, Célia Lessa (2014) nos propõe uma definição:

Trata-se, genericamente, dos programas e ações desenvolvidos direta ou indiretamente pelo Estado, com vistas ao interesse público, ou, de modo mais estrito, dos princípios e propósitos que animam as decisões do Estado em várias áreas onde germina o interesse público, tal como estes se expressam em programas e ações. Mesmo nem sempre encontrando correspondência perfeita em normas constitucionais, as políticas públicas no mínimo não podem ferir esses preceitos e são, sob muitos aspectos, o braço executivo de direitos expressos na Constituição. (LESSA, 2014, p. 2)

Lessa (2014), identifica duas vertentes características das ações de políticas públicas: A primeira tem como objetivo a amenização de situações de pobreza, privação e vulnerabilidade, ou seja, “situações de caráter periférico”; a segunda toma o preceito da prevenção, resolvendo problemas sociais mais amplos, criando oportunidades e atendendo a necessidades. Vejamos com mais clareza:

Grosso modo, há dois paradigmas principais de política pública social: o primeiro a concebe como o conjunto de programas e ações governamentais voltadas para o alívio de situações de pobreza, privação e vulnerabilidade; o segundo enfatiza ações e programas em sua capacidade de resolver problemas sociais, atender necessidades e criar oportunidades. (2009, MIDGLEY apud LESSA, 2014, p. 2)

A autora considera a segunda concepção como mais ampla. Essa viria estabelecendo uma crítica à primeira, onde fica o pressuposto de que problemas sociais são periféricos e residuais. Assim, segundo a autora, a concepção ampla se apoia no diagnóstico de que a economia de mercado é um sistema que necessariamente gera problemas, ou em suas próprias palavras: “a vida social em

economias de mercado gera custos e necessidades sociais a requerer intervenção protetora e preventiva" (LESSA, 2014, p. 3).

A cidadania é amplamente citada durante seu trabalho, no qual se destaca a correlação tecida pela autora entre as políticas públicas e a busca por parte dos sujeitos sociais de que essas sejam fatores de promoção da cidadania. A concepção da cidadania está, segundo a autora, em “coevolução” junto às estratégias de desenvolvimento e mudanças de regimes políticos. (LESSA, 2014, p. 3)

Para discussão conceitual sobre Políticas Públicas, além de Célia Lessa (2014), nossa principal referência, também levamos em consideração no sentido de aprimorar nossos entendimentos os autores Klaus Frey (2000) e Celina Souza (2006). Para estes, qualquer ação do Estado pode ser considerada uma Política Pública, inclusive suas omissões, partindo do princípio que, estrategicamente ou não, o “deixar de fazer” tem um impacto na sociedade.

Diante disto, os autores nos propõem uma categorização dos tipos de políticas públicas, sendo elas: redistributivas, distributivas, estruturais e regulatórias. Levando em consideração a primeira citada, percebe-se esta como um possível norte para o Brasil, porém, de todas é a mais rechaçada, inclusive pelas classes mais vulnerabilizadas da sociedade. Acredita-se que seja digno redistribuir renda a partir de impostos/taxas aplicados nas classes mais altas da pirâmide social. Em sequência, podemos enfatizar o caráter clientelista das políticas distributivas, que são aplicadas em diferentes vertentes a partir de movimentações sociais e reivindicações, abrindo espaço para negociação inadequada e interesses pessoais. Sugere-se aqui uma maior participação popular nas decisões legislativas principalmente, pois, assim diminuiríamos ações diretas, pouco discutidas. As políticas públicas estruturais, podem partir de um princípio generalizado, focando muito menos em interesses pessoais ou reivindicações, mas sim em necessidades básicas que a sociedade cria e expressa de maneira esporádica. Podemos considerar como exemplo a despoluição da Bahia de Guanabara. Por fim, as Políticas Públicas regulatórias partem do princípio limitador, aplicando orientações a partir de ações constitucionais como decretos, normativas, leis e afins.

É necessário, no entanto, considerar a questão econômica, onde cada vez mais torna-se o principal objetivo das Políticas Públicas. O Bem-estar social e a qualidade de vida acabam sendo deixados de lado, atuando em segundo plano, em relação a estratégias econômicas e disputas de mercado. Na contemporaneidade, bem como podemos observar especificamente no caso do PAC-Favelas em Manguinhos, a questão econômica cada vez mais se torna o principal objetivo

Para mais, há três critérios de avaliação de Políticas Públicas: o da eficiência, atualmente ligado explicitamente a questão econômica do custo x benefício; da eficácia, onde voltam-se os olhares para o cumprimento ou não das metas propostas; e, por fim, da efetividade, tomando como referência o aumento ou redução dos índices³. A seguir, o ciclo para formação de uma política pública:

O ciclo das Políticas Públicas



Fonte: Escola Superior de Gestão e Contas Públicas (2019)

A gestão pública, bem como as políticas públicas aplicadas na região de Manguinhos, estabeleceu a falta de planejamento urbano que junto aos condicionantes do capitalismo foram gradativamente segmentando os moradores da região: subjetivamente, perto e longe do centro da cidade de modo simultâneo. Um

³ PIVETTA, et al (2016) elaborou um relatório acerca da intervenção urbana por nós explorada: *PAC Manguinhos: Problemas não resolvidos e recomendações*. Durante a dissertação iremos discorrer sobre tais afirmações que majoritariamente indicam insatisfação do público diante dos resultados.

cotidiano desigual e sem equidade social. Em um tom crítico, vale ressaltar que a administração pública não deveria, em tese, submeter-se às imposições da economia privada, pois para o Estado a mercadoria e o lucro não atuariam como objetivo fim.

Como podemos observar na formulação histórica de Manguinhos, muitos entraves socioespaciais foram se desenvolvendo na região com o passar dos anos. A citação abaixo faz um breve resumo a que Manguinhos esteve exposta, acrescentando um pouco mais a questão da historicidade da região.

Na década de 1980, o processo de redemocratização do país possibilitou a retomada do debate sobre a reforma urbana, interrompido com o golpe militar, em 1964. No bojo do intenso debate sobre as reformas sociais na década de 1960, a problemática urbana surge como resultado do rápido processo de industrialização e urbanização que produziu desigualdades e a segregação socioespacial, degradação ambiental e um crescente déficit habitacional. Este quadro se mantém, na medida que é resultado de um modelo de desenvolvimento fundado na produção das desigualdades. (FERREIRA, 2011, p. 45)

Segundo a Autora Fátima Ferreira (2011) há três eixos tomados como base para luta pela reforma urbana. Vejamos um pouco mais:

[...] a luta histórica pela reforma urbana permanece, mantendo-se como eixos principais: (I) o direito à cidade, compreendendo a garantia dos direitos básicos a toda a população: o direito à moradia digna, ao saneamento ambiental, ao transporte, à mobilidade, ao trabalho, ao lazer e à cultura; (II) a gestão democrática da cidade, entendida como a forma de planejar, produzir, operar e governar as cidades submetidas ao controle social e à participação da sociedade civil organizada; (III) a função social da cidade e da propriedade, entendida como a prevalência do interesse comum sobre o direito individual de propriedade. (FERREIRA, 2011, p. 45)

Para o primeiro eixo, notamos que o direito a cidade não é compreendido pelo simples fato de estar nela, mas sim de poder gozar das condições básicas que a mesma pode oferecer para uma condição mínima de qualidade de vida, bem como respeito a cidadania. No segundo eixo, destaca-se a coletividade, onde a presença da sociedade civil na tomada de decisões é essencial. Além do mais, O governo deve exercer uma gestão pública democrática, planejada e, a partir disto, ter uma boa operacionalidade. Por fim, o direito comum deve prevalecer sob a questão individual de propriedade. Na prática, a mercantilização da cidade deve ser exercida

com cuidado e responsabilidade para não acarretar em um impacto social negativo. A transformação da moradia numa simples mercadoria causa este transtorno, pois o preço dos imóveis pode ser alto, fazendo com que a parcela mais vulnerabilizada da sociedade, como em Manguinhos, não consiga obter acesso a moradia nos mesmos padrões que outras camadas economicamente superiores. Dentro desta perspectiva, vejamos o que diz o autor:

Tomamos como ponto de partida o entendimento de que a moradia e o solo urbano são bens necessários para a nossa existência na cidade, ou seja, são bens fundamentais para a nossa reprodução social (em outras palavras, para a nossa vida) na cidade. O problema fundamental na economia capitalista é que a moradia e o solo urbano são mercadorias e, como mercadorias, são bens comercializáveis, podem ser vendidas e compradas. Por essa razão, o acesso à moradia e ao solo urbano passam a ser mediados pelas regras que definem o acesso e o uso da propriedade privada. E como qualquer mercadoria no capitalismo, a moradia e o solo urbano têm valor de uso e valor de troca. (SANTOS, 2011, p. 67)

Nossa existência na cidade depende do solo e da moradia, sendo que estes se transformam em mercadoria dentro da perspectiva capitalista. A compra e venda destes bens essenciais para nossa existência acaba gerando um mal-estar social de grandes proporções, levando a segregação socioespacial quando a especulação sob o mesmo vai distanciando as possibilidades de acesso à todas as camadas. Segundo David Harvey

[...] a venda e a troca das moradias e do solo urbano no mercado ocorre em um momento específico do tempo, com o desembolso de uma grande quantidade de dinheiro, mas seu uso se estende por um longo período de tempo. Se alguém usa (consome) a moradia ao longo do tempo, ele também pode pagar por ela ao longo do tempo (porque a moradia não vai se deteriorar ou perder o seu valor). Por essa razão, as instituições financeiras têm um papel muito importante no funcionamento do mercado de imóveis, garantindo o crédito necessário para a compra dos mesmos (1980, p. 131-166, *apud*, SANTOS, 2011, p. 68-69)

Em resumo, boas moradias dependem de muito dinheiro, mas poucas pessoas estão dispostas a colocar em xeque valores tão altos, logo, entra em funcionamento as instituições financeiras, que são responsáveis por fazer a movimentação deste ramo de “negócios”. O problema está aí, pois para obter um financiamento e comprar um imóvel de qualidade você deve dar garantia de que tem condições para arcar com as despesas. Nem todos tem esta garantia. Por vezes,

estão no mercado informal ou realmente não tem condições de submeter-se a tais exigências, sendo assim, ficam de fora desta possibilidade. Como poderemos observar no decorrer da pesquisa, a favela de Manguinhos tem a maioria da população pobre ou em situação de miséria, ficando praticamente todos excluídos de tais possibilidades, há não ser que haja algum intervencionismo do Estado para custear tais transações:

Ao longo de mais de 20 anos organizada de forma ininterrupta, a rede de reforma urbana alcançou muitas conquistas no âmbito da política urbana. No entanto, estes avanços não representaram uma alteração substancial da realidade urbana, marcada por desigualdades e segregação sociais que são estruturais ao modelo de desenvolvimento econômico capitalista. (FERREIRA e CASTRO, 2011, p. 83)

Toda esta inequidade acaba afetando também as políticas públicas. Assumindo as determinações de uma sociedade estruturada sob os interesses do capital sobre uma classe que vai se tornando cada vez mais vulnerabilizada, nosso estudo busca elementos entre os Determinantes Sociais da Saúde (DSS) para caracterizar com mais segurança e clareza as respostas às nossas questões. A região de Manguinhos consegue evidenciar as suas condições de extrema vulnerabilidade e caminha junto aos parâmetros mais baixos de condições de vida.

Para definir o conceito de DSS pelo âmbito da saúde pública tomamos como base o texto *A saúde e seus determinantes sociais*, Buss e Pelligrinni (2007), onde:

As diversas definições de determinantes sociais de saúde (DSS) expressam, com maior ou menor nível de detalhe, o conceito atualmente bastante generalizado de que as condições de vida e trabalho dos indivíduos e de grupos da população estão relacionadas com sua situação de saúde. Para a Comissão Nacional sobre os Determinantes Sociais da Saúde (CNDSS), os DSS são os fatores sociais, econômicos, culturais, étnicos/raciais, psicológicos e comportamentais que influenciam a ocorrência de problemas de saúde e seus fatores de risco na população. A comissão homônima da Organização Mundial da Saúde (OMS) adota uma definição mais curta, segundo a qual os DSS são as condições sociais em que as pessoas vivem e trabalham. (BUSS e PELLEGRINI, 2007, p. 78)

Em outra passagem, Buss e Pelligrinni destacam, o estudo de mecanismos através dos quais os DSS provocam iniquidades na saúde, apontando a seguinte variante:

(...) A primeira delas privilegia os “aspectos físico-materiais” na produção da saúde e da doença, entendendo que as diferenças de renda influenciam a saúde pela escassez de recursos dos indivíduos e pela ausência de investimentos em infraestrutura comunitária (educação, transporte, saneamento, habitação, serviços de saúde etc.), decorrentes de processos econômicos e de decisões políticas. (BUSS e PELLEGRINI, 2007 p. 82)

Nesse sentido o enfoque da análise dos dados tendo como base os DSS, aponta para as condições em que as políticas públicas são criadas e implantadas. Há que se considerar que ao se propor uma política pública de aceleração do crescimento para uma população de favela espera-se, dentro da perspectiva dos DSS, que as populações atingidas por essa política tenham uma chance concreta de superar as barreiras que a iniquidade social representa e é exatamente nesse sentido que a política se justificaria.

Porém, não podemos desconsiderar a correlação dos DSS com o capital. Sua abordagem, por vezes, promove uma definição simplória para transtornos sociais, sem se aprofundar na problemática da sua existência. Parâmetros são traçados e elencados como centrais na determinação da saúde ou da doença, mas a questão é: Por que a sociedade capitalista promove discrepâncias econômicas expressas nas classes sociais que convivem em uma mesma realidade? O conceito de DSS é definido por instituições geridas pelo próprio capital, como a Comissão Nacional sobre Determinantes Sociais da Saúde (CNDSS) orientada pela Organização Mundial da Saúde (OMS) (BUSS e PELLEGRINI, 2007, p. 83). Não há questionamento quanto à competência destas instituições, porém, o fato é que funcionam como ferramentas de um sistema criado para lidar e não necessariamente para solucionar problemas causados diretamente pelo capital.

As políticas públicas aplicadas em Manguinhos direcionadas pelo PAC estão diretamente relacionadas às discussões sobre fatores sociais Determinantes da Saúde, ou da doença, mas, a possibilidade de compreensão desses fatores nos remete aos processos de Determinação Social da Saúde, termo que problematiza o anterior no que se refere às disputas sociais pela produção da saúde coletiva. Devemos uma atenção especial ao termo “Determinação Social da Saúde” (ROCHA, 2015), pois o destaque para essa sutil diferença – determinante x determinação – aponta para o enfrentamento de questões histórico-sociais que superam a relação

imediate saúde-doença. Rocha (2015) argumenta pela obsolescência da definição dos “Determinantes” em favor da “Determinação”, com base em parâmetros marxistas que apontam para processos – e não apenas fatores – de produção e reprodução da saúde ou da doença. A autora destaca a importância de ser crítica diante dos encaminhamentos orientados pela ciência hegemônica ocidental, mostrando a importância de se construir “novas formas de pensar a saúde e novos modos de organizar e desenvolver as práticas e ações da saúde” (ROCHA, 2015, p. 131).

Nesse sentido os dois termos são contrastados e ressignificados pela autora. Pode-se afirmar que a Determinação Social da Saúde é entendida como uma concepção que toma em consideração um campo mais robusto do que o proposto pelo termo restrito aos Determinantes. Ao destacar esse campo, no qual se produzem os processos saúde-doença, a autora busca trazer para o plano da consciência, um entendimento que estabeleça relações entre a “realidade fragmentada e a totalidade social”. Quando partimos para uma discussão sobre os “Determinantes”, percebemos que estes favorecem a identificação de variáveis sociais mensuráveis em detrimento de uma compreensão mais densa e descritiva dos contextos de saúde, suas disputas e contradições, que a palavra “Determinação”, associada à processos complexos, indicaria (ROCHA, 2015, p. 134).

Ainda na concepção da autora, os Determinantes tendem a ser interpretados superficialmente, privilegiando dados e deixando de lado processos importantes para a compreensão das barreiras que se apresentam para certas classes que não tem acesso a saúde. Diante do exposto

Parte-se do reconhecimento de que, sob o capital, as relações sociais de produção e reprodução da vida são permeadas e expressam as contradições inerentes aos projetos de classe em disputa, e que estas contradições, por sua vez, expressam-se em desiguais formas de viver, adoecer e morrer. (ROCHA, 2015, p. 131)

A autora sugere a necessidade de se superar uma visão epidemiológica positivista para além dos indicadores e fenômenos de efeito imediato, visto que em uma população não há apenas um perfil epidemiológico, mas vários, pois, os grupos que compõem a sociedade estão expostos a diferentes potenciais de desgaste ou

fortalecimento (ROCHA, 2015, p. 131). Rocha (2015), expõe o conceito de Determinação Social da Saúde como referencial teórico no que tange a ligação da coletividade com o caráter histórico-social na questão saúde-doença. Esse conceito diverge da abordagem dos DSS, que segundo a autora, tende a reduzir as discussões, ignorando de maneira geral os processos sociais complexos que determinam a falta de acesso à saúde para além das estatísticas de ocorrências de doenças. (ROCHA, 2015, p. 131). Por exemplo, ao relacionarmos o baixo nível de saneamento básico na região de Manguinhos com as doenças às quais a população fica exposta, sob a ótica da Determinação, há que se considerar o intenso investimento em políticas públicas para região que se materializou por meio do PAC e os resultados objetivos dessas políticas. Nesse sentido pergunta-se, quais os processos históricos de Determinação da Saúde mantêm a população em situação de doença, apesar de todo o investimento? O raciocínio de Rocha indica caminhos para se responder a questões como essa:

(...) a saúde e a doença também dependem das condições socioeconômicas, embora não somente delas. Estas abordagens concordam que os fatores econômicos (renda, emprego e organização da produção) podem interferir positiva ou negativamente na saúde de grupos populacionais; que os ambientes de convivência e de trabalho podem gerar efeitos mais ou menos lesivos à saúde das pessoas; e que a cultura e os valores também podem interferir ampliando ou restringindo as possibilidades de saúde das pessoas, pelo valor que se atribui à vida, reconhecimento de cidadania, concepção de saúde, e forma como cada povo lida com as diferenças de gênero, de etnia e até mesmo econômicas (ROCHA, 2015, p. 131).

Sob a ótica do conceito de processos de Determinação, para além do reconhecimento dos Determinantes, percebe-se efeitos negativos e uma grave iniquidade social diante da consolidação do modelo político, social e econômico Neoliberal no mundo. A partir da década de 1980, essa discussão torna-se ainda mais relevante, pois acentuou-se a preocupação com as injustiças sociais provocadas pelo então novo modelo político neoliberal (ROCHA, 2015, p. 131).

O mercado livre e autorregulado, que parecia ter sido enterrado no início do século XX reformula-se diante do modelo Neoliberal vigente, amparado na ciência moderna e na cultura hegemônica ocidental, sempre prezando pelo individualismo.

Rocha (2015) destaca o papel da produção científica nesse processo sob a forma do chamado neopositivismo:

O neopositivismo e a ciência contemporânea reduziram o conceito de determinante social da saúde a um fator causal empírico, através do uso de métodos e inferências estatísticas. Alguns autores afirmam a importância de se rediscutir a determinação social da saúde, no sentido de superar a noção positivista expressa no conceito de DSS, visto que a teoria da produção social da saúde abarca o caráter histórico-social do processo saúde-doença, propiciando explicitar a relação entre o biológico e o social, e entre o individual e coletivo (ROCHA, 2015, p. 134).

Verifica-se, portanto, a tendência da abordagem reducionista dos elementos, sobretudo quando se discute dados ligados à epidemiologia de forma individualizada, desconsiderando os fatores sociais que podem estar ou não envolvidos no processo de adoecimento do indivíduo e da população (ROCHA, 2015, p. 134).

A posição defendida pela autora remete a transformações sociais profundas a partir de suas estruturas e processos sociais:

o nível de saúde seria decorrente da estratificação social, determinante do contexto ou do território, assim como da distribuição desigual dos fatores produtores de saúde: materiais, biológicos, psicossociais e comportamentais. A desigualdade econômica, caracterizada pela posição que o indivíduo ocupa na estratificação social, determinaria uma desigualdade de acesso aos fatores de boa ou má saúde, implicando o aumento das iniquidades da área. Combater a desigualdade significaria melhorar o nível de saúde, mas para tal, faz-se necessário desenvolver políticas intersetoriais (econômicas, de emprego, de renda, moradia, educação, etc.), garantindo a participação e empoderamento das populações, para que estas possam colaborar com a transformação da sociedade. Portanto, esta ênfase na revalorização dos indivíduos como sujeitos de suas ações sugere que os mesmos estão implicados nas estruturas e estas, por sua vez, nos significados das ações sociais entre o individual e coletivo (ROCHA, 2015, p. 132).

Percebe-se claramente, segundo a autora, que ações direcionadas e responsáveis são impreteríveis para que ocorram mudanças substanciais na sociedade. Fica a questão: seriam as políticas públicas de inclusão social tão divulgadas nos programas Neoliberais da atualidade, potenciais soluções para a universalização das condições de saúde?

A visão de Virgínia Fontes (1996), em seu artigo *Capitalismo, Exclusões e Inclusão Forçada*, mostra que os aspectos apontados por ROCHA (2015), quase duas décadas depois, compõem uma realidade complexa e estruturada de forma a manter-se desigual como previsto em uma sociedade capitalista de exploração entre classes. Fontes (1996)⁴, discorre sobre as possibilidades de inclusão e exclusões sociais, apontando que qualquer migração dentro da estratificação social ocorre visando interesses capitalistas.

Fontes (1996), promove uma reflexão sobre os conceitos de inclusão e exclusão social, mostrando que no ambiente capitalista não há exclusões literais, pois, os marginalizados na sociedade também são necessários para o funcionamento do sistema. Com este princípio, propõe ajustar conceitos cunhando os termos *Inclusões Forçadas* e *Exclusões Internas*, sugerindo impossibilidades de escape das relações sociais de exploração no contexto do capitalismo.

A autora analisa a insuficiente exploração intelectual do conceito de “exclusão social” e suas simplificações beirando o senso comum, promovendo uma discussão conceitual com autores que se debruçaram sobre o tema. Afirma que a formação social capitalista, por seu caráter essencialmente mercadológico e com fins lucrativos, não abre brechas para contatos exteriores ao sistema, ou seja, de “exclusão”. É importante considerar que nossa análise está construída sob a ótica de intervenções políticas de uma sociedade hierarquizada e dividida em classes sociais na qual a dominação está inserida na política, na economia e no social.

Há uma cultura atrelada ao conceito de “exclusão social” que discute a ideia de maneira reducionista, direcionando a culpa da condição social do indivíduo pura e simplesmente à sua falta de afinco ou dedicação, ignorando por completo as variantes que estão envoltas nesse processo, o que sustenta a ideia de Meritocracia como forma de ascensão social. Fontes (1996), esclarece que:

os temas que englobam o que atualmente se denomina exclusão social foram analisados, ao longo deste século, sobretudo através de alguns de seus aspectos ou implicações. Em sua maioria, as análises encaravam-na como forma passageira de um desequilíbrio

4 A presente investigação segue parâmetros elencados pela escola marxista, tendo como precedente a consciência de classe, logo, sugiro a leitura do texto do autor THALHEIMER (2014): Introdução ao Materialismo Dialético. Fundamentos da Teoria Marxista.

ou como uma disfunção social ou, ainda, como inadaptação individual. Temas, por exemplo, como a marginalidade — e seu correlato, as modalidades "corretivas", em geral realizadas através de intervenção social (filantropia e assistência social) — foram muitas vezes associados a uma inadequação de certos grupos ou indivíduos à vida social, como resultado de deficiências ou limitações a serem superadas pelo sistema educacional ou, ainda, através de acompanhamentos diversos (assistentes sociais, psicólogos, sociólogos etc.). (FONTES, 1996, p. 35).

A expressão “inadaptação individual” utilizada pela autora nos remete diretamente ao conceito chave do Capitalismo: individualismo. O sistema tende a atrelar as vitórias e derrotas apenas ao indivíduo, atribuindo a “inadaptação” à falta de dedicação, assumindo um discurso de conquista pessoal, naturalizando o fato de que, na maioria das vezes, nesta corrida de objetivos inalcançáveis, o indivíduo fica pelo caminho.

Fontes (1996) retoma Marx argumentando que o capital se utiliza, bem como cria e incentiva a existência de mão de obra ociosa para regular os valores de mercado e custos de produção, a partir do princípio base da *lei de oferta e procura*. Caracteriza assim como “excluída”, uma parcela que atua como importante ferramenta no sistema operacional do Capitalismo. Diante disto, a autora nos questiona: “Características constitutivas da expansão do capitalismo, a impossibilidade de assegurar a própria subsistência ou o desemprego constituiriam uma exclusão?” (FONTES, 1996, p.36). O termo designado pela autora como *Inclusão Forçada* (FONTES, 1996, p. 37) remete ao fato de que os indivíduos pertencem à uma dada sociedade e a seu sistema de produção e reprodução da vida, mesmo sem optar por isso. A partir de uma discussão conceitual, Fontes (1996) se apoia em Balibar (1992) que afirma:

ninguém pode ser excluído do mercado, simplesmente porque ninguém pode dele sair, posto que o mercado é uma forma ou uma 'formação social' que não comporta exterioridade. Dito de outra forma, quando alguém é expulso do mercado, na realidade, funcionalmente ou não, ele é mantido em suas margens, e suas margens estão sempre ainda em seu interior. Não seria o mercado essa estrutura ou instituição social paradoxal, talvez sem precedentes na história, que inclui sempre suas próprias 'margens' (e, portanto, seus próprios 'marginais') e que, finalmente, somente conhece exclusão interna? (BALIBAR, 1992, p. 202 apud FONTES, 1996, p. 38)

Em resumo, não há como sair do mercado ou ficar em situação obsoleta a ele, no máximo, o indivíduo aloca-se nas margens sociais, ainda no interior do sistema e como condição operacional para o mesmo.

Os conceitos apresentados até aqui descrevem estruturas político-sociais complexas que fundamentam a presente investigação, pois, partimos do pressuposto de que a ideia de capitalismo mundializado (CHESNAIS, 2015)⁵ se reflete nas políticas públicas implementadas no território e nas ações educativas que estamos analisando.

A seguir descrevemos o PAC como política pública para Manguinhos e a ação educativa Tecendo Redes, que gerou os dados por nós analisados.

⁵ Macroeconomicamente o regime mundial de acumulação de capital tende a assumir características rentarias e parasitárias. O Neoliberalismo otimiza a financeirização mundial, dando destaque aos fundos de investimento. Ver CHESNAIS, François (2015) *Mundialização: o capital financeiro no comando*. Revista Outubro, Edição 5, Artigo: p. 13 – 17.

2 O PAC EM MANGUINHOS – RJ

Uma de nossas principais referências para essa discussão é a tese de Claudia Trindade (2012) intitulada: “Não se faz omeletes sem quebrar ovos: Política Pública e participação social no PAC Manguinhos – Rio de Janeiro”.

João Araújo (2011), analisa com cuidado a formação do “Fórum Social de Manguinhos” em 2007. Este foi o principal canal de comunicação entre os moradores da região e representantes das esferas de poder envolvidas na aplicação do PAC na região, sendo elas: federal, estadual e municipal. Por mais que o diálogo não tenha sido expressamente vantajoso para os moradores, a constituição do Fórum nos faz refletir sobre os limites de poder e força que uma organização popular autônoma em situação de favela tem perante a sociedade (ARAUJO, 2011, p. 21).

O Programa de Aceleração do Crescimento (PAC), firmado a partir do decreto presidencial 6.025/2007, foi lançado como uma ferramenta para impulsionar o desenvolvimento do Brasil em diversas áreas, combinando abordagens sociais e estruturais, como obras de urbanização, rodovias, produção de energia, etc. O projeto é permeado pelo o pressuposto de que o governo Lula 2003-2007 retirou o Brasil de uma profunda crise e lançou bases sólidas para o desenvolvimento, com indicadores econômicos positivos e condições para ampla distribuição de renda, criando um cenário propício para a superação das desigualdades.

O PAC foi estruturado a partir dos eixos: Investimento em Infraestrutura; Estímulo ao Crédito e ao Financiamento; Melhora do Ambiente de Investimento; Desoneração e Administração Tributária; Medidas Fiscais de Longo Prazo; Consistência fiscal (BRASIL, 2007). Um programa de investimentos teve como objetivo correlacionar a modernização com medidas econômicas e apoio à iniciativa privada. Segundo seus documentos de referência, amparou-se no “crescimento do PIB e do emprego, intensificando ainda mais a inclusão social e a melhora na distribuição de renda do País” (BRASIL, 2007).

A presente investigação enfoca os investimentos realizados em Manguinhos subdivididos em três vertentes: *Logística* (Rodovias, Ferrovias, Portos, Aeroportos e Hidrovias); *Energia* (Geração e Transmissão de Energia Elétrica. Petróleo, Gás

Natural e Combustíveis Renováveis); *Social e Urbano* (Saneamento, Habitação, Transporte Urbano, Luz para Todos e Recursos Hídricos) (TRINDADE, 2012, p. 80).

Um dos maiores índices de investimentos foi o Social e Urbano. Dentro do texto explicativo do programa percebe-se uma tendência prioritária de se justificar a necessidade das movimentações econômicas relativas ao âmbito Social e Urbano, sendo que, esse mesmo texto, ao final, destaca:

aperfeiçoar a gestão pública e elevar a qualidade de vida da população são alguns dos objetivos do PAC. É também um instrumento de inclusão social e de redução das desigualdades regionais. (BRASIL, 2015).

Esse é o contexto em que foi lançado o *PAC Favelas*, inserido no eixo Social e Urbano, tendo como um dos principais objetivos o saneamento e urbanização de favelas. Iniciou-se, portanto, uma grande força operacional que promoveu a esperança para moradores das favelas envolvidas.

O histórico do desenvolvimento de áreas de favelas nos centros urbanos do Brasil e América Latina está vinculado aos processos desenvolvimentistas que ocorreram na segunda metade do século XX, considerando a urbanização acelerada pós II Guerra Mundial. Nesse período os movimentos de expulsão dos colonos com concentração de terras reforçando modelos agrícolas mecanicistas, associado à migração de famílias nordestinas para o sul fugindo da seca e da pobreza, vieram a engrossar os contingentes de populações de afrodescendentes afetados pelas violências legadas pela escravidão, fazendo crescer as regiões de pobreza inseridas nas áreas urbanas das cidades brasileiras.

As principais favelas onde foram promovidas ações pelo PAC na cidade do Rio de Janeiro foram as do Complexo do Alemão, Complexo de Manguinhos e Favela da Rocinha, havendo ali uma tripartição nas responsabilidades de intervenção, divididas entre as esferas Federal, Estadual e Municipal, cada uma a partir de sua competência.

A Casa Civil Municipal, junto ao Ministério do Planejamento articulava os meandros e dividiam as responsabilidades da gerência do sistema. Foram criados

diversos mecanismos de controle, em várias etapas, desde o âmbito federal até o regional. Fluxogramas foram criados para melhorar a orientação operacional e passar transparência, sugerindo a possibilidade ampliada de supervisão cidadã. As intervenções previstas para Manguinhos (não necessariamente realizadas) estão indicadas nos quadros que se seguem:

Quadro de coparticipação das esferas no PAC-Manguinhos

Intervenção do Governo Estadual	
Vitória de Manguinhos (Conab) Embratel	Elevação da Via Férrea; Estação Intermodal; Parque Metropolitano; Centro Cívico (Biblioteca, Centro de Referência da Juventude, Centro de Geração de Renda, Centro de Apoio Psiquiátrico (CAPS), Centro de Apoio Jurídico, Unidade de Pronto Atendimento (UPA), Escola de Ensino Médio); Centros Habitacionais; Ligações com Eixos; Centro Esportivo; Centro Esportivo ¹⁴

Intervenção do Governo Municipal	
Vila União CHP2 Parque João Goulart Vila Turismo Mandela de Pedra Nelson Mandela SamoraMachel	<u>Infraestrutura</u> Iluminação Pública Drenagem Abastecimento de água Esgotamento Sanitário Coleta de lixo <u>Urbanização</u> Viário Lazer e Paisagismo Mobiliário Urbano Comunicação Visual

Fonte: Trindade (2013)

Embora, segundo Trindade (2013) os projetos não falassem em polícia, a perspectiva da “segurança” também foi prevista nas favelas mediadas pelo PAC, sendo que, a partir de 2009, o governo estadual do Rio de Janeiro promoveu a implantação das primeiras Unidades de Polícia Pacificadora (UPP) nesses locais.

Esse é o contexto em que foi desenvolvida a ação educativa Tecendo Redes por um Planeta Terra Saudável, a qual será descrita a seguir.

2.1 A Ação Educativa Tecendo Redes por um Planeta Terra Saudável

A partir de 2007, um ano antes da implementação do PAC-Manguinhos, iniciou-se no Museu da Vida/Fiocruz – RJ, o projeto Tecendo Redes por um Planeta

Saudável com a intenção de promover ações educativas com base nos temas da Semana Nacional de Ciência e Tecnologia (SNCT)⁶. O estabelecimento de um período anual específico para a discussão acadêmica voltada para difusão e popularização da ciência e tecnologia foi definido pelo governo federal em 2004 e ocorre até os dias atuais, tradicionalmente no mês de outubro.

Sob a perspectiva da relação museu-escola, o projeto Tecendo Redes tem como base a problematização da realidade focada nas vivências dos territórios de favela em que a Fiocruz está inserida.

O projeto Tecendo Redes acontece entre a Fiocruz, como uma instituição de pesquisa e escolas públicas de territórios vulnerabilizados tendo como marco um diálogo “tridimensional” onde, como uma corrente colaborativa, estudantes, educadores e pesquisadores trabalham em conjunto para alcançar objetivos construídos coletivamente. Nesse processo são realizadas ações antes, durante e depois das visitas ao museu buscando reunir conhecimentos dos estudantes e suas famílias, dos professores e dos pesquisadores. Segundo Bonatto e Vasconcellos:

A ação Tecendo Redes por um Planeta Terra Saudável é uma articulação de trabalhos educativos entre museus pertencentes a instituições de pesquisa, e escolas públicas municipais de um mesmo território para ampliar as possibilidades das relações interinstitucionais favorecendo a realização de uma educação emancipatória em contextos societários em que a classe trabalhadora se encontra vulnerabilizada pelos processos de expropriação que caracterizam o modo de produção capitalista. Atuamos a partir do diálogo entre estudantes, educadores e pesquisadores acerca da problemática socioambiental desses territórios onde nos encontramos, seja como moradores, seja como trabalhadores (BONATTO E VASCONCELLOS, 2014, p. 2).

O conceito de educação emancipatória está entre os principais no arcabouço teórico que sustenta o presente estudo, tendo como base os escritos de Paulo Freire (1921-1997), interpretados por Costa e Loureiro:

“A visão de mundo que reforça o valor do sonho e a utopia numa perspectiva histórica como possibilidade é coerente com a forma de

⁶ O Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico faz as devidas elucidações sobre as SNCTs, onde podemos observar além dos objetivos, os temas elencados na série histórica. Vide: <https://www.gov.br/cnpq/pt-br/assuntos/popularizacao-da-ciencia/semana-nacional-de-ciencia-e-tecnologia>.

pensar a educação como um caminho para a emancipação dos oprimidos” (STRECK; REDIN; ZITKOSKI, 2010, p. 18). Dizer não ao fatalismo e às posturas sectárias já é comprometer-se com uma nova forma de pensar a educação e agir enquanto sujeitos, pois Freire entende o ser humano como ser histórico-social. (2010, STRECK, REDIN E ZITHOSKI, apud 2016, COSTA e LOUREIRO p. 112)

Bonatto e Vasconcellos (2014) destacam a definição de Loureiro (2007) que sustenta que emancipar é trabalhar para superar a miséria intelectual e econômica que está associada a relações paternalistas e assistencialistas, eliminando privilégios de oligarquias que se constituíram com a lógica colonial que instaurou o Brasil. Loureiro também destaca que a educação emancipatória trabalha para construir a capacidade crítica de pensar e intervir para superar a apropriação privada do conhecimento científico e para combater as práticas políticas que viciam a democracia e sufocam o desejo da participação. Finalmente, Loureiro (2007) destaca que a educação emancipatória deve lutar contra “as relações de classe que condenam milhões a uma condição indigna, de precariedade na luta pela sobrevivência, por força dos interesses do mercado e de seus agentes, ‘coisificando’ a vida” (LOUREIRO, 2007, p. 161)

Para concretizar os objetivos de uma educação emancipatória o Tecendo Redes construiu instrumentos que possibilitem o diálogo efetivo entre seus participantes. Por isso uma das etapas de concretização das ações do projeto prevê a utilização de fichas - diagnóstico nas quais questões centrais são feitas aos estudantes visando construir relações entre a realidade local e global tendo acesso às visões dos estudantes sobre essas questões. Nessa ficha sempre é acrescentada uma pergunta feita com base nos temas anuais da Semana Nacional de Ciência e Tecnologia. Por exemplo, considerando o tema ciência no Brasil a ficha foi acrescida da questão: Você acha que a ciência produzida na Fiocruz pode contribuir para melhorar a vida em Manguinhos? Como? Outro exemplo é a ficha que foi utilizada quando o tema da SNCT 2012 foi “*Economia Verde, Sustentabilidade e Erradicação da Pobreza*”. Na próxima página temos o modelo utilizado naquele ano nas escolas abordadas pela pesquisa.

TECENDO REDES POR UM PLANETA TERRA SAUDAVEL

FICHA PARA CONSTRUÇÃO COLETIVA DA ATIVIDADE DA SNCT 2012 – Colégio _____ e Museu da Vida - Fiocruz

TEMA: CIÊNCIA ALIMENTANDO O BRASIL

Nome: _____ Professor (a) _____ Data: _____ Idade _____ Série _____

	Como era antigamente?	Como é atualmente?	Como vocês gostariam que fosse?	O que você tem feito sozinho, com sua família e/ou com seus amigos para construir este futuro?	O que mais poderia ser feito com as outras pessoas de sua comunidade, do Rio de Janeiro, do Brasil e do Planeta Terra para construir este futuro?
<i>O planeta Terra</i>					
O Brasil					
A comunidade onde você mora					
A vida no lugar onde você mora					

Escreva no quadro abaixo as principais coisas que vêm à sua mente (não se preocupe com os erros, o mais importante é conseguir expressar seu pensamento):

Qual é o problema mais grave do meio ambiente onde você mora?

Essas questões são respondidas por todos os participantes da ação educativa: estudantes e seus familiares, educadores, pesquisadores e trabalhadores da instituição. A metodologia do trabalho prevê que as ações educativas sejam construídas a cada ano a partir das respostas dadas à essa ficha. Nesse sentido a ficha serve como ferramenta de escuta e de promoção de debates que se desdobram em atividades de ação-reflexão em diversos ambientes da comunidade: escola, centros de saúde, visitas ao museu. O projeto também avança com reflexões construídas no âmbito de um grupo de estudos que agrega professores do território e educadores do Museu da Vida.

Com o passar dos anos o projeto Tecendo Redes assumiu diferentes formatos tendo suas atividades planejadas e executadas coletivamente, buscando fortalecer as relações entre comunidade e instituições públicas envolvidas para materializar ações de educação emancipatória.

A relação educativa entre museu/instituição de pesquisa e escola pressupõe que se respeite as especificidades e missões de cada instituição de forma que cada uma contribua para o processo educativo trazendo o que pode fazer de melhor. Vasconcellos, em sua tese de doutorado (VASCONCELLOS, 2008), estudou a potencialidade dessa relação sob a ótica de dois conceitos centrais: o conceito de cooperação em Marx e o conceito de “co-laboração” em Paulo Freire.

O primeiro remete à visão de que o capitalismo assume um movimento crescente ao se organizar em atividades combinadas entre seus participantes. O que se propõe é que a construção de um projeto contra-hegemônico assuma esses mesmos cuidados no sentido de que cada setor participante abandone um estado de alienação realizando um trabalho combinado onde cada um contribua com o que pode acrescentar de melhor. Assim, como afirma Marx:

O efeito do trabalho combinado não poderia ser produzido pelo trabalho individual, e só o seria em um tempo muito mais longo ou numa escala muito reduzida. Não se trata aqui da elevação da força individual através da cooperação, mas da criação de uma força produtiva nova, a saber, a força coletiva. (MARX, 2006, p. 379) (grifo nosso apud BONATTO E VASCONCELLOS, 2004, p. 1).

Essa visão se traduz nas práticas educativas propostas por Paulo Freire que traz como ferramenta o conceito de “Co-laboração”:

“Enquanto na teoria da ação antidialógica a conquista,[...] implica num sujeito que conquistando o outro, o transforma em quase ‘coisa’, na teoria dialógica da ação, os sujeitos se encontram para a transformação do mundo em CO-LABORAÇÃO” (FREIRE, Pedagogia do Oprimido, 1987, p.165 apud VASCONCELLOS, 2008).

Esse projeto vem na linha de questionamento e de organização de ações contra uma educação que reproduz as desigualdades e de políticas públicas distribuídas desigualmente em uma sociedade de classes. A linha metodológica que sustenta essa iniciativa é a construção de estratégias de promoção do diálogo entre os participantes da ação educativa visando a construção de conhecimentos de forma não alienada e emancipatória. Alguns dos resultados desse diálogo serão analisados no presente estudo.

Na prática essa proposta se traduz na criação de visitas diferenciadas nos museus participantes do projeto, na medida em que as fichas respondidas pelos participantes são instrumentos para orientar as mediações construídas para as essas visitas. Assim, tanto o museu apresenta seus conteúdos a partir de seu acervo, como os estudantes visitantes ressignificam esse acervo na medida em que trazem para os educadores suas perspectivas e prioridades diante da vida vivida no território em que compartilham.

As fichas também materializam a voz dos estudantes diante de um mundo que está em permanente discussão por meio das propostas educativas associadas a projetos de reconstrução dessa realidade. É justamente com esse fim que o presente estudo vem colocar o foco na análise das respostas às fichas preenchidas nos anos de 2008 – início do PAC Manguinhos e 2012 – finalização das intervenções no PAC Manguinhos como forma de “ouvir” a fala desses estudantes quanto à suas expectativas e avaliações sobre as intervenções do PAC como política pública.

2.2 Descrição do lócus da pesquisa

A região de Manguinhos compreende um território na Zona Norte do Rio de Janeiro. Nela está inserido o campus da Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz), Rio de Janeiro, autarquia do governo federal que promove ações visando a promoção da

saúde em todo o território brasileiro. Manguinhos se caracteriza como uma região de favelas, sendo parte de um complexo que inclui as regiões da Maré e Morro do Alemão. Dentre as primeiras comunidades de favelas que iniciaram o conjunto que compõe Manguinhos destaca-se a Coreia, Mandela e Amorim. Conforme o passar dos anos, programas políticos – habitacionais (e/ou sua ausência) orientaram a ocupação da região, determinando condições sociais e econômicas, provocando o afloramento de novas subdivisões comunitárias e identidades sociais. Por conta disso os limites da localidade são muitas vezes questionados estando sempre em expansão, sendo discutível o estabelecimento de uma definição exata de seus limites. Tomamos como base ilustrativa imagens retiradas de sites que oferecem uma perspectiva geográfica. A seguir (Mapa 1) pode se observar uma visão de satélite que delimita a região de Manguinhos como um todo, tendo em paralelo duas rodovias de fluxo intenso: a rodovia Leopoldo Bulhões e a Avenida Brasil (marcações feitas por nós):

Mapa da orientação geográfica dos limites de Manguinhos



Fonte: Google Maps (2024)⁷

Em 2013, o Conselho Comunitário de Moradores de Manguinhos, junto a pesquisadores, realizou um mapeamento de cunho popular das atuais favelas da região e seus pontos de interesse, como bares, restaurantes, mercados e

⁷ As linhas em vermelho para destaques limítrofes são de elaboração própria para reforçar o entendimento sobre o espaço territorial explorado nesta pesquisa.

conveniências (FERNANDES e COSTA, 2013). Temos abaixo um esboço do trabalho conjunto delimitando as comunidades que compõem essa região de favela: Condomínio CCPL; Condomínio D-SUP; Vila União; CHP-2, antiga comunidade da Coreia; Parque João Goulart; Vila Turismo; Parque Oswaldo Cruz, também conhecido como Amorim; Conjunto Nelson Mandela; Conjunto Samora Machel; SAMORA II - EMBRATEL; Condomínio EMBRATEL e Mandela de Pedra.

Distribuição das favelas do Complexo de Mangueiros em 2013



Fonte: Fernandes e Costa (2013)

Nossa investigação parte de dados coletados nesta região, especificamente nas Escolas Municipais Albino Souza Cruz, Oswaldo Cruz, Professora Maria de Cerqueira e Silva, Rui Barbosa e Juscelino Kubitschek, todas municipais e inseridas no núcleo das comunidades. O Mapa 3 mostra a localização dessas unidades de ensino (marcações feitas por nós):

Mapa de localização das escolas que participaram da pesquisa



Fonte: Google Maps (2024)⁸

Manguinhos se destaca como um dos bairros do Rio de Janeiro com maior índice populacional, contabilizando mais de 36 mil moradores a partir de dados coletados pelo Censo 2010 (POPULACAO.NET, 2018). A partir de um documento oficial produzido pela prefeitura do Rio de Janeiro e o Instituto Pereira Passos em 2012, junto ao Conselho Estratégico de informações da Cidade, obtivemos acesso a análise de dados referente ao Censo 2010, onde observou-se regiões de favela no Rio de Janeiro, em especial, Manguinhos. Os resultados já demonstravam a realidade de vida e condições dos moradores cerca de dois anos após o início do PAC-Manguinhos, levando em consideração que os dados trabalhados foram coletados em 2010.

⁸ As linhas em vermelho para destaques limítrofes, bem como a identificação e nomeação das escolas na imagem são de elaboração própria.

O documento aponta situações de subemprego, falta de saneamento básico, abastecimento de água precário, dentre outras situações, acerca de uma parcela considerável das regiões de favela no Rio de Janeiro. Manguinhos se destaca entre os três piores bairros ou regiões nos quesitos levantados acima. Podemos observar no documento que:

Considerando a taxa de distorção no Ensino Fundamental do 6º ao 9º por bairros ou grupos de bairros na cidade do Rio de Janeiro em 2010, observa-se que esta era maior que 40% em Manguinhos, Rocinha, Cidade de Deus, Benfica, Mangueira, Costa Barros, Barros Filho, Vigário Geral, Ricardo de Albuquerque e Complexo do Alemão. Aproximadamente um terço das pessoas de seis a nove anos na escola pública apresenta dois anos ou mais de atraso, ou seja, o aluno entrou na escola com um ano de atraso ou repetiu (INSTITUTO PEREIRA PASSOS, 2012).

Esse ponto está corroborado em resultados, pois, uma parcela dos estudantes cujos trabalhos foram investigados não tem idade condizente com o ano letivo que lhe compete, variando geralmente de um a três anos de atraso escolar. Isto é preocupante, pois nosso modelo de ensino não é adaptado para lidar com variações etárias tão espaçadas.

Ainda segundo os dados de 2010/2012, os três bairros ou regiões que apresentaram maior porcentagem de desempregados no Censo 2010 foram Manguinhos, Jacarezinho e Santa Cruz (INSTITUTO PEREIRA PASSOS, 2012). Esta realidade faz parte do cotidiano dos moradores da região de Manguinhos e afeta diretamente suas condições de vida, inclusive a cidadania, pois, tão essencial nas lutas por direitos no contexto neoliberal em que vivemos.

Em relação aos três bairros ou regiões que apresentam maior porcentagem em coleta de lixo inadequada e habitação com energia elétrica sem medidor, o famoso *gato*, Manguinhos encontra-se, respectivamente, em primeiro e segundo lugar (INSTITUTO PEREIRA PASSOS, 2012).

3 REPRESENTAÇÃO SOCIAL, ENUNCIADO E LEFÈVRE & LEFÈVRE

Diante das diversas perspectivas metodológicas, Minayo (2001) destaca a visão de Lênin (1870- 1924), que coloca a metodologia como alma da teoria

Entendemos por metodologia o caminho do pensamento e a prática exercida na abordagem da realidade. Neste sentido, a metodologia ocupa um lugar central no interior das teorias e está sempre referida a elas. Dizia Lênin (1965) que "o método é a alma da teoria" (p. 148), distinguindo a forma exterior com que muitas vezes é abordado tal tema (como técnicas e instrumentos) do sentido generoso de pensar a metodologia como a articulação entre conteúdos, pensamentos e existência (MINAYO, 2001, 16).

A articulação teórico-metodológica ocorre de maneira intrínseca, assim, a metodologia não pode permear um caminho incongruente à teoria, bem como o oposto seria inviável.

Dentro do "Ciclo da Pesquisa" sugerido pela autora (MINAYO, 2001, p. 25), a metodologia pode ser dividida em três categorias: Definição de amostragem, Coleta de dados e Organização e análise de dados.

A metodologia do presente envolve uma pesquisa documental, abrangendo trabalhos acadêmicos sobre intervenções do PAC em Manguinhos, análise de videodocumentários com depoimentos de moradores, bem como, análise de desenhos e textos produzidos por estudantes das escolas de Manguinhos nos anos de 2008 e 2012, buscando reunir elementos para uma visão da realidade, diante da implantação das políticas do PAC.

É uma pesquisa qualitativa, considerando principalmente dados produzidos a partir de documentação gerada pelo projeto "*Tecendo Redes por um Planeta Terra Saudável*", conforme descrição na fundamentação teórica do presente estudo.

Esta investigação não se sobrepõe exclusivamente ao tratamento de dados quantitativos que, por ventura fora utilizados, por este motivo, dentro das expectativas, julga-se a melhor definição como sendo qualitativa, considerando "a forma adequada para entender a natureza de um fenômeno social" (RICHARDSON, 2012, p. 79).

Minayo (2001) destaca que a ciência humana é invariavelmente distinta das ciências naturais e, portanto, as técnicas de abordagem para suas investigações devem ser diferenciadas. Dentro das pesquisas sociais, o tratamento qualitativo é admitido, porém, deve seguir uma sequência teórico-metodológica para que seja possível uma revisão por um terceiro a posteriori, preservando o conceito de ciência (MINAYO, 2001, p. 10).

Dentro da investigação qualitativa, Minayo nos oferece um conceito de representações sociais (RS), um instrumento que toma importância significativa dentro das pesquisas sociais:

Dentro dessa linha, trabalharíamos com a categoria geral, entre outras, de representação social. Essa categoria estaria sendo entendida como pensamentos, ações e sentimentos que expressam a realidade em que vivem as pessoas, servindo para explicar, justificar e questionar essa realidade. (MINAYO, 2001, p. 71)

As representações sociais são códigos e símbolos que podem traduzir uma situação social em que o indivíduo esteja inserido. Suas ações são sempre condizentes a sua situação, fazendo com que o investigador possa categorizar e sequenciar os conteúdos coletados, transformando-os em dados brutos, para serem tratados em outro momento.

Em referência a "representação social", podemos também partir de uma concepção teórica marxista, onde tentaríamos compreender historicamente como as ideias categorizadas e verificadas em nossos dados foram determinadas pelas condições de existência de classes sociais numa sociedade capitalista, procurando contradições e desníveis sociais. (MINAYO, 2001, p. 73)

A fim de reunir Representações Sociais (RS) para a construção de um estudo sobre a visão dos moradores de Manguinhos utilizamos a técnica do Discurso do Sujeito Coletivo onde, a partir da categorização de dados coletados em temas, podemos categorizar ideias expostas em redações, colocando à mostra uma visão geral da diversidade de múltiplos atores sociais em uma única categoria. Fernando e Ana Maria Lefèvre (2014), criaram esta metodologia justamente para suprir a angústia comunicativa que ocorre dentro das pesquisas, onde gráficos e tabelas muitas vezes, não conseguem expressar o objeto em análise. Lefèvre (2014), afirma

que histórias coletivas têm agregadas a elas códigos narrativos compartilhados socialmente. A partir dessas ideias codificadas, é possível desenvolver, com conteúdo e depoimentos de sentidos semelhantes, uma redação em primeira pessoa do singular verossímil e aceitável. Ou seja, uma história considerada coerente para “um indivíduo culturalmente equivalente aos pesquisados” (LEFÈVRE E LEFÈVRE, 2014, p. 504). Seguindo o raciocínio apresentado, consideramos a condição do sujeito *falando e falado*:

Este indivíduo/coletivo é um sujeito falando/ falado já que carrega, além dos conteúdos da RS que pessoalmente (falando) adota como prática discursiva, também os conteúdos (falados) dos “outros”, ou seja, das representações semanticamente equivalentes disponíveis na sociedade e na cultura e adotadas por seus “colegas de representação”. (LEFÈVRE E LEFÈVRE, 2014, p. 503)

A partir de então cria-se a seguinte perspectiva: o individual está direcionado ao sujeito *falando*, pois, expressa um discurso pessoal, porém, não consegue desvincular-se do coletivo, o sujeito *falado*, que não deixa de manifestar códigos, reflexos e “representações semanticamente” parecidas com as de seus parceiros na representação social, atores sociais abordados sob o mesmo núcleo de pesquisa. Além disso, após a criação do DSC, o mesmo ganha vida e autonomia, como se não dependesse mais do pesquisador criador para ter algum sentido, ou seja, não há uma patente do criador de um Discurso do Sujeito Coletivo. A *expertise* do pesquisador foi necessária para corroboração do objeto, porém, a partir de sua existência, lhe é agregado uma distinção, pois, sua fonte é o próprio “útero da sociedade” (LEFÈVRE E LEFÈVRE, 2014, p. 504), no sentido de que a engendra e por ela é engendrado.

No caso do presente estudo utilizamos como fonte de produção de conhecimentos os discursos e desenhos dos estudantes representados nas fichas distribuídas nos encontros do “Tecendo Redes”, sempre considerando os temas anuais da Semana Nacional de C&T. Os desenhos foram gerados no ano de 2008 quando o evento da Semana Nacional de C&T propôs como tema de discussão *Evolução e Diversidade*. Para abordar o assunto o projeto Tecendo Redes construiu junto com professores das escolas de Manguinhos a seguinte ficha para ser preenchida com palavras ou desenhos pelos estudantes no ambiente escolar:

Ficha utilizada pelo Tecendo Redes no ano de 2008

Projeto
TECENDO REDES POR UM PLANETA TERRA SAUDÁVEL

V Semana Nacional de Ciência e Tecnologia 2008

PARTICIPE COM SUA OPINIÃO
você pode escrever ou desenhar!

M ☐ F ☐
série:
idade:

Diversidade, para mim é...
diversos animais

elefante pssss cavalo maluco

A diversidade está ... (onde?)
na escola

Evolução para mim é:
Eu tirava nota R - agora eu tiro nota B.

1º vez 2º vez

Precisamos conservar a diversidade? Como?
Sim na educação

Museu da Vida PREFEITURA SECRETARIA DE EDUCAÇÃO

Fonte: Arquivo Tecendo Redes (2008)

As fichas que originaram os DSCs correspondem a pesquisas realizadas em meio às ações dos anos de 2008 e 2012, sendo que os desenhos se referem somente ao ano de 2008. Como fonte para a construção dos discursos pós PAC utilizou-se a ficha de 2012 (pag. 36), considerando o tema da SNCT: *Economia Verde, Sustentabilidade e Erradicação da Pobreza*, por meio da qual buscamos entender aspectos da realidade dos estudantes pós PAC, sob o olhar dos educandos abordados.

Destaco aqui o passo-a-passo executado para a elaboração dos DSCs nesta pesquisa: recebimento e transcrição exata dos textos presentes nas fichas → reconhecimento dos assuntos expressados → separação dos trechos relativos aos temas identificados → categorização dos recortes para formulação das redações → de acordo com cada categoria, os trechos foram conectados sem alteração gramatical, porém, com garantia de coesão por parte do organizador → resultado: redações independentes, de acordo com o conceito de Discurso do Sujeito Coletivo. A análise das fichas como forma de observação da realidade tem como fundamento os estudos de Bakhtin (1895-1975), descritos a seguir.

A análise dos dados que consistem as representações sociais dos estudantes nas fichas coletadas segue as referências postuladas por Bakhtin (1895-1975), pesquisador Russo que sustenta que a linguagem é uma realidade definidora da própria condição humana (PIRES, 2002). Assim, a raiz da linguagem está no diálogo, ou no dialogismo, ou seja, o diálogo como uma forma de relação com o outro. Esses diálogos se dão por meio de Enunciados acerca da realidade. Um Enunciado seria o elemento de ligação entre a forma da língua e o sentido que se atribui a uma linguagem. Esse elemento de ligação, o Enunciado, está voltado para uma realidade específica, considerando o contexto histórico e espacial do discurso, os valores coletivos e individuais, as ideologias, de forma que por meio da Enunciação se constroem tanto os sujeitos quanto os sentidos de um discurso. Tudo isso se combina por meio das diversas linguagens que caracterizam os diálogos (PIRES, 2002).

Paulo Freire (2016), promove o surgimento do conceito de *dialogicidade*, que se aproxima e age em confluência⁹ aos saberes de BAKHTIN (1895-1975). Sob a perspectiva de que a autonomia pode ser adquirida a partir de uma educação de qualidade, e levando em consideração que o ser humano é um ser inacabado e sempre em processo de troca, o patrono da educação no Brasil faz a seguinte colocação:

A dialogicidade verdadeira, em que os sujeitos dialógicos aprendem e crescem na diferença, sobretudo, no respeito a ela, é a forma de

⁹ Para se aprofundar nas relações do autor com Bakhtin (1895-1975) com Freire (1921-1997), sugiro a leitura do texto DE MOURA (2019): Leitura em Paulo Freire e Bakhtin: palavras e mundos.

estar sendo coerentemente exigida por seres que, inacabados, assumindo-se como tais, se tornam radicalmente éticos (FREIRE, 2016, p. 31).

Expandindo os conceitos para a questão da educação emancipatória, também é possível ressaltar a seguinte compreensão promovida pelas autoras Cláudia e Maria (2020):

O método de ensino proposto por Paulo Freire, consubstanciado em uma pedagogia emancipatória, busca incentivar o educando a refletir sobre a sua própria história e sobre o seu lugar na sociedade. Freire entende que a educação tem um papel primordial nas transformações sociais necessárias para se chegar a uma sociedade mais justa e humanizada. A partir da reflexão chega-se a consciência social e, por conseguinte, a uma sociedade onde todos tenham as mesmas oportunidades, reduzindo as desigualdades sociais existentes (GOMES e GUERRA, 2020, p. 7).

No caso do presente estudo, ao reunirmos elementos produzidos em meio a situações dialógicas realizadas com esses estudantes, motivamos a expressão de Enunciados dos estudantes por meio de diferentes linguagens – desenhos, palavras chave, textos escritos refletindo pensamentos e ideias. Esses pensamentos caracterizam um movimento de identificação de identidades ou de alteridades na busca do reconhecimento de si mesmo por intermédio da relação solidária com os outros:

A língua é entendida não como um sistema abstrato de formas linguísticas à parte da atividade do falante, mas como um processo de evolução ininterrupto, constituído pelo fenômeno social da interação verbal, realizada através da enunciação, que é a sua verdadeira substância (BAKHTIN, 1929, p. 127, apud PIRES, 2002, p. 37). Diferentemente de Saussure e de seu objetivismo abstrato, o autor russo valorizava a fala, que não é individual, senão social e está estreitamente ligada à enunciação, já que o momento da enunciação, instaurando a intersubjetividade, instaura também a interação (PIRES, 2002, p. 37).

Quanto aos desenhos, os estamos considerando como plataformas de linguagem densas de Enunciados, bem como uma expressão semiótica da realidade, ao lado da palavra. Nesse sentido, tanto a palavra como os desenhos vêm ocupar um lugar de fala por meio de signos organizados para a produção do diálogo social do qual participamos, permeados por ideologias, memórias, denúncias e avaliações e imersos em um contexto histórico específico. Para Bakhtin (1895-1975):

a ideologia não é exterior ao semiótico, pois o domínio do ideológico coincide com o domínio dos signos: são mutuamente correspondentes. O signo ideológico tem vida na medida em que se realiza no psiquismo e a realização psíquica vive do suporte ideológico; o signo ideológico é o território comum, tanto do psiquismo como da ideologia. Concretamente, em toda enunciação, por mais insignificante que seja, renova-se sem cessar uma síntese dialética viva entre psiquismo e ideologia, entre vida interior e exterior. Todo signo ideológico exterior, independentemente de sua natureza, banha-se nos signos interiores, na consciência; a vida do signo exterior se faz por um processo sempre renovado de compreensão, de emoção e de assimilação em integração reiterada com o contexto interior. [...]. Existe, assim, entre o psiquismo e a ideologia, uma interação dialética indissolúvel (CORRÊA E RIBEIRO, 2012).

Vale lembrar que na teoria de Bakhtin (1895-1975) o sujeito nunca está só e sim compondo uma rede de sentidos que formam o discurso, o qual não se inicia no momento da Enunciação, mas se constrói em meio a uma trajetória histórica que se desenvolve sob interações contínuas e permanentes com os enunciados do outro: “A vida é dialógica por natureza. Viver significa participar de um diálogo (BAKHTIN, 1961, p. 293, apud PIRES, 2002, p. 39)”. Assim o caminho de análise aponta para o discurso como determinado por “um ‘cenário’” de certo acontecimento:

A compreensão viva do sentido global da palavra deve reproduzir esse acontecimento que é relação recíproca dos locutores, ela deve encená-la se se pode dizer; aquele que decifra o sentido assume o papel de ouvinte; e para sustentá-lo, deve igualmente compreender a posição dos outros participantes. (BAKHTIN, 1926, p.199, apud PIRES, 2002, p. 40)

O cenário a que se refere Bakhtin (1895-1975) muitas vezes se define pelo não dito, por uma situação extra verbal que engendra o discurso. Essa situação pode ser reconhecida por meio de três critérios que compõem o método de análise proposto por Bakhtin (1895-1975) para a identificação do contexto extra verbal: o conhecimento do horizonte espaço-tempo comum aos interlocutores, o conhecimento e a compreensão da situação, e a avaliação manifestada pelos sujeitos frente à situação vivenciada (BAKHTIN, 1926, p. 90, apud PIRES, 2002, p. 38).

Com base nesses referenciais o autor identifica que se cria um discurso do cotidiano, ou seja:

a interação que une os participantes de uma mesma situação e que os faz dividirem uma unidade de condições reais de vida, tornando-os solidários e levando-os a apoiar a intersubjetividade verbal em um “nós” discursivo. A solidariedade existe entre interlocutores, qualquer que seja seu número. Quanto mais amplo o horizonte comum dos interlocutores, mais os enunciados deverão se apoiar em elementos da vida que sejam constantes e estáveis e em avaliações sociais essenciais e fundamentais (BAKHTIN, 1930, p. 192, apud PIRES, et al, 2016, p. 122).

É no contexto de um discurso do cotidiano que destacamos a contribuição de Bakhtin (1895-1975) ao interpretar a palavra, e, em nosso caso, a palavra acompanhada da linguagem artística dos desenhos, como território comum entre interlocutores que compartilham Enunciados sobre a realidade que nos cerca, buscando desvendar sentidos, significados e contradições fundamentais que sejam úteis para nossos anseios de compreensão e transformação da realidade. As ferramentas metodológicas descritas até aqui foram as que nos forneceram aportes para sistematizar e analisar os resultados que se seguem.

4 DISCURSOS COLETIVOS E ILUSTRAÇÕES

As descrições a seguir buscam responder aos objetivos específicos do presente estudo, ou seja, sistematização de desenhos e depoimentos escritos coletados junto às crianças e adolescentes de escolas públicas municipais de Manguinhos no período 2008 e 2012 e a identificação de questões centrais no pensamento das crianças e adolescentes de Manguinhos em relação à realidade em que viveram em 2008 e depois em 2012, conforme já explicitado no início desta pesquisa.

4.1 Sistematização de desenhos e discursos referentes ao ano de 2008

Os resultados reúnem produções das quatro escolas analisadas no ano de 2008: Escola Municipal Professora Maria de Cerqueira; Juscelino Kubitschek; Escola Municipal Albino Souza Cruz e Escola Municipal Ruy Barbosa. Soma-se um total de 130 estudantes analisados e a faixa etária dos discursos que se seguem varia entre 09 e 17 anos, com predominância dos 09 aos 13 anos (apenas quatro estudantes com 16 e 17 anos).

Os desenhos dos estudantes foram produzidos no contexto da atividade da SNCT 2008, a qual propôs que fossem feitas imagens relativas ao tema *Diversidade e Evolução*. Sobre a Diversidade os estudantes poderiam desenhar os seguintes aspectos: o que é, onde está e como conservar. Sobre Evolução: o que é pra mim. Naquele ano esses temas fizeram parte da agenda temática educativa internacional, tendo como referência as comemorações do centenário de Darwin. As escolas tomaram o preenchimento da ficha como exercício a ser feito em aula, sendo que muitos professores se dedicaram a explorar os temas com os estudantes antes do preenchimento das fichas. Nesse sentido, os resultados mostraram desenhos que enfocam símbolos, ícones e componentes do imaginário dessas crianças e adolescentes relativos à biodiversidade, às possibilidades para a conservação da natureza, bem como aspectos que indicam uma construção conceitual sobre o tema Evolução.

Os desenhos relativos à diversidade retratam as diversas formas da natureza, animais e vegetais bem como ambientes aquáticos e ameaças ao Planeta Terra.

Ilustrações de estudantes da Escola Municipal Albino de Souza Cruz; idade: 11 anos; série escolar: 6º ano



Fonte: Arquivo Tecendo Redes (2008)

O conceito de Evolução foi ilustrado pelas crianças e adolescentes muitas vezes como desenvolvimento (metamorfose da borboleta), ou como progresso, tendo sido raras vezes associado ao conceito de mudanças biológicas evolucionárias ligadas a um tempo longo (geológico), gerando modificações sobre as características das espécies.

**Ilustrações de estudantes da Escola Municipal Maria de Cerqueira e Silva;
idade: 10 e 11 anos; série escolar: 6º ano**



Fonte: Arquivo Tecendo Redes (2008)

Em termos de resultados, o que nos surpreendeu foi verificar que, para nós, que compartilhamos a realidade de Manguinhos vivida no dia a dia com essas crianças e adolescentes que se expressaram no ano de 2008 (hoje jovens de 24 a 25 anos de idade), ficou explícito em meio aos desenhos todo um Enunciado da realidade contendo a expressão da conjuntura histórica descrita na fundamentação teórica do presente estudo, ou seja, os saberes, as avaliações e expectativas em torno do território afetado pelas obras do PAC. Nesse sentido, foi possível ver no *discurso do cotidiano* (BAKHTIN, 1930, apud PIRES, et al, 2016) dessas crianças e adolescentes Enunciados acerca das expectativas que esses sujeitos expressaram

em relação às políticas públicas de intervenção urbana que aconteciam em Manguinhos no período, por meio do Programa de Aceleração do Crescimento. O que pudemos observar foi que, em meio ao discurso sobre *Diversidade e Evolução*, as crianças e adolescentes de Manguinhos demonstraram uma enorme esperança ligada ao tema progresso, expressando tanto necessidades quanto expectativas de mudanças ambientais radicais, acompanhadas de mudanças nas relações humanas, nas relações com a natureza e com a melhoria da sociedade em geral.

**Ilustrações de estudantes da Escola Municipal Maria de Cerqueira e Silva;
idade: 11 anos; série escolar: 6º ano**



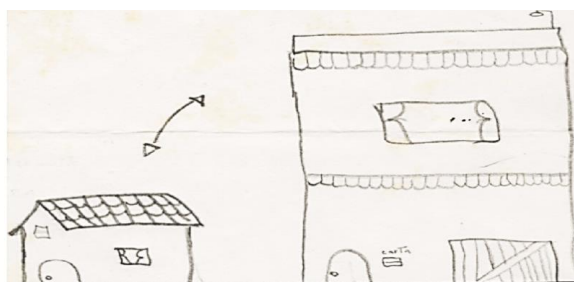
Fonte: Arquivo Tecendo Redes (2008)

Os desenhos informam que as crianças e adolescentes de Manguinhos, tinham nesse período (2008) uma enorme expectativa de viver com mais conforto, de ter acesso à serviços urbanos de qualidade, de ter acesso às novas tecnologias, e de poder viver em um mundo mais fraterno onde os seres humanos compartilhassem o “progresso” de mãos dadas. Estas expectativas fazem parte dos Enunciados expressos pelas crianças e adolescentes por meio dos signos presentes em seus desenhos. Assim, pudemos observar nos mesmos, a expressão tanto de melhorias ligadas ao processo de urbanização quanto à melhorias nas condições de vida das famílias.

Os detalhes relativos a esses resultados estão sistematizados nas categorias que se seguem, amparadas em alguns exemplos ilustrativos:

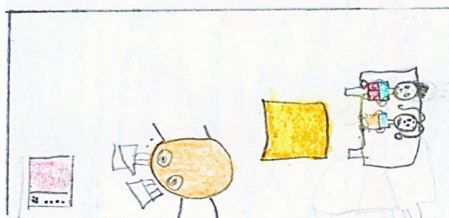
Habitação: expresso por meio de desenhos de prédios associados à tecnologias – antenas parabólicas; casas que viram prédios; casas de múltiplos pavimentos; caverna que vira casa e barraco que vira casa.

Ilustrações de estudantes da Escola Municipal Ruy Barbosa; idade: 10 e 16 anos; série escolar: 6º ano e 9º ano



Fonte: Arquivo Tecendo Redes (2008)

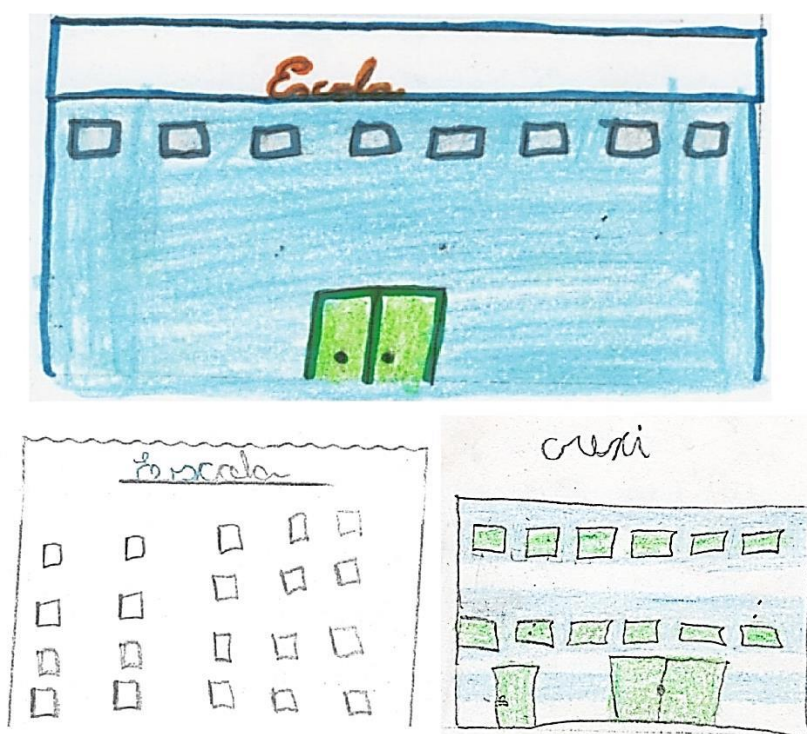
Ilustrações de estudantes da Escola Municipal Professora Maria de Cerqueira e Silva; idade: 10 e 11 anos; série escolar: 6º ano



Fonte: Arquivo Tecendo Redes (2008)

Também identificamos desenhos representativos de *Instituições de caráter social*, com destaque para o hospital; posto de emergência; escola; creche; zoológico. Também foram ilustrados: hotel; lojas; locadora de vídeo e loja de doces.

Ilustrações de estudantes da Escola Municipal Professora Maria de Cerqueira e Silva; idade: 11 e 13 anos; série: 6º ano



Fonte: Arquivo Tecendo Redes (2008)

Ilustrações de estudantes da Escola Municipal Professora Maria de Cerqueira e Silva; idade: 11 e 13 anos; série: 6º ano



Fonte: Arquivo Tecendo Redes (2008)

Ilustrações de estudantes da Escola Municipal Maria de Cerqueira e Silva; idade: 11 anos; série: 6º ano



Fonte: Arquivo Tecendo Redes (2008)

A *Relação ser humano-natureza*, onde as respostas das crianças e adolescentes mais se aproximam das expectativas da proposta temática da SNCT, ou seja, a abordagem do tema *Evolução e Diversidade*. Ainda assim, o vínculo com o cotidiano expresso nos signos fortalece o Enunciado que privilegia as relações entre Urbanização e Natureza como em desenhos que enfocam Praias Urbanas.

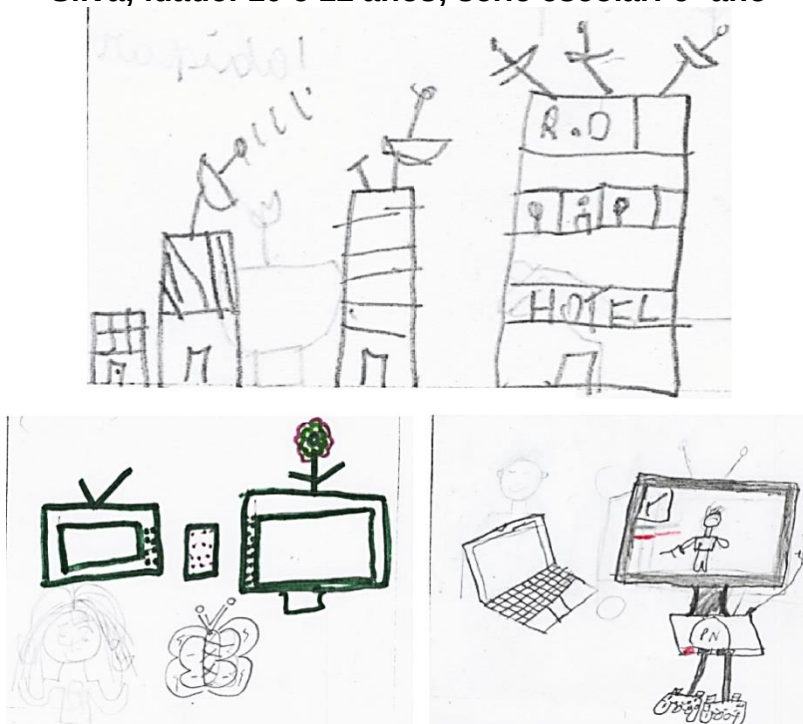
Ilustrações de estudantes da Escola Municipal Albino de Souza Cruz; idade: 11 anos; série escolar: 6º ano



Fonte: Arquivo Tecendo Redes (2008)

No âmbito das *Tecnologias*, a maioria dessas expressões aparece ligada ao tema *Evolução*, onde os signos eleitos são computadores e TVs que se atualizam em novos modelos; rádios, celulares e câmeras de segurança. Estas podem ser relacionadas ao ambiente urbano violento e à expectativa de melhorias na segurança pública.

Ilustrações de estudantes da Escola Municipal Professora Maria de Cerqueira e Silva; idade: 10 e 12 anos; série escolar: 6º ano



Fonte: Arquivo Tecendo Redes (2008)

Três imagens relacionam-se diretamente com a questão da segurança pública e o cotidiano da região, além de sugerirem claras expectativas de mudança, merecendo destaque em nossa análise:

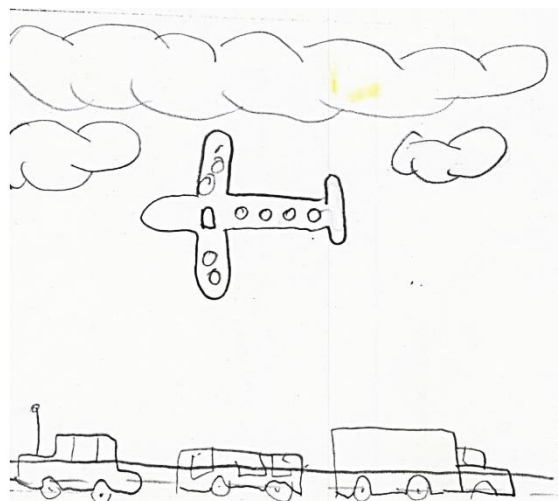
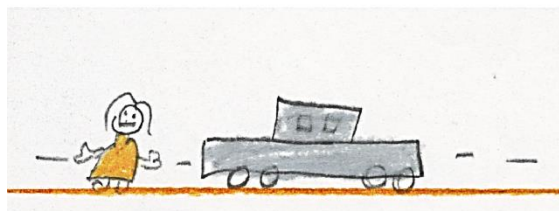
Ilustrações de estudantes da Escola Municipal Professora Maria de Cerqueira e Silva; idade: 11 anos; série escolar: 6º ano



Fonte: Arquivo Tecendo Redes (2008)

A *Mobilidade* é pouco abordada nos desenhos, porém, aparece sob as formas de aviões, melhorias urbanas em estradas e rio com ponte.

Ilustrações de estudantes da escola Municipal Albino de Souza Cruz; idade: 11 anos; série escolar: 6º ano



Fonte: Arquivo Tecendo Redes (2008)

Amplios Aspectos sociais são abordados nos desenhos, sendo eles: Consumo; Religiosidade – igrejas; Coleta de lixo, moscas no lixo e latas de lixo; Diversidade racial e Paz. O tema “paz”, citado pelos estudantes nas respostas, indica o que se pode chamar de um Enunciado oculto, pois percebe-se que, de alguma maneira, a “guerra”, ou ausência de paz é perceptível aos sujeitos abordados.

Ilustrações de estudantes da Escola Municipal Escola Municipal Presidente Juscelino Kubitschek; idade: 10 anos; série escolar: 6º ano

Bom na minha opinião a ideia
deveremos fazer E ajudar o
meu ambiente o lixo o esgoto
o valeio principalmente a dengue
ai vamos fazer um mundo
MELHOR.
PAZ.

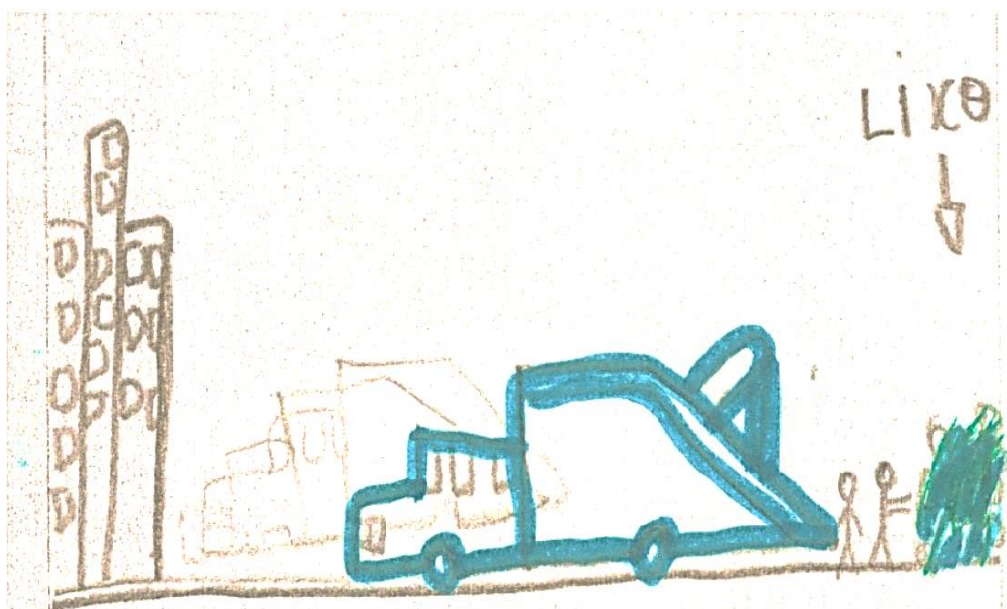
Fonte: Arquivo Tecendo Redes (2008)

Ilustrações de estudantes da Escola Municipal Professora Maria de Cerqueira e Silva; idade: 11 anos; série escolar: 6º ano



Fonte: Arquivo Tecendo Redes (2008)

Ilustrações de estudantes da Escola Municipal Presidente Juscelino Kubitschek; idade: 11 anos; série escolar: 6º ano



Fonte: Arquivo Tecendo Redes (2008)

Atividades de caráter coletivo e interação social também ocorrem, jogando futebol; soltando pipa; brincando em grupo; Indivíduos que crescem e se modificam; Integração familiar; atividades em família, como a mesa de refeições; assistir

televisão em conjunto com a família ou amigos; comemoração de aniversário; melhoria de notas na escola; soltar balões, cortar árvores; molhar plantas; tratamento do lixo e soltar os passarinhos presos em gaiolas.

**Ilustrações de estudantes da Escola Municipal Maria de Cerqueira e Silva;
idade: 10 e 11 anos; série escolar: 6º ano**



Fonte: Arquivo Tecendo Redes (2008)

Todos esses temas são a chave para compreendermos, ou “ouvirmos” os Enunciados que se referem ao que as crianças e adolescentes de Manguinhos desejavam, consciente ou inconscientemente, nos dizer.

A partir do cruzamento das teorias de Bakhtin (1895-1975) e Lefèvre & Lefèvre (2014), bem como sob a metodologia proposta por Minayo (2001), podemos observar que o público-alvo da pesquisa (infanto-juvenil) expressam os seus *discursos do cotidiano* de forma espontânea, independente da tendência, tema ou parcialidade das perguntas. Dessa maneira, identificamos o Enunciado que permeia seus ambientes de convivência. As categorias dos assuntos explicitados nos DSCs de 2008 e 2012 convergem, mesmo com as SNCTs abordando temas distintos.

Considerando as teorias que nos orientam há que se despojar dos sentidos estritos ligados aos conceitos sugeridos pelas perguntas relacionadas a SNCT e das expectativas de receber respostas segundo modelos prescritos. Nesse sentido o Enunciado é o que prevalece em nossa análise como algo que possa estar reprimido ou que urge por ser exposto e compartilhado. Tomamos como base, como já discutido anteriormente em Bakhtin (1895-1975), que existe uma dialética indissolúvel entre nossas expressões e tudo que nos circunda. De maneira prática, independente da intenção das perguntas, as crianças e adolescentes se expressaram levando em consideração seus limites sociais, cotidiano em que vivem, compreensão do espaço e do tempo ao que estão inseridas, dentre outras variantes que compreendem seu Enunciado. Entre esses identificamos uma ilustração que aparentemente expressa a expectativa de que “gente grande” está reunida na prefeitura – em uma sala decorada e bem organizada – decidindo sobre as ações em Manguinhos.

Ilustrações de estudantes da Escola Municipal Presidente Juscelino Kubitschek; idade: 11 anos; série escolar: 6º ano



Fonte: Arquivo Tecendo Redes (2008)

Os desenhos e fichas de 2008 continham palavras chave, ideias e informações que foram organizadas como Discursos do Sujeito Coletivo das escolas Públicas de Manguinhos sobre os seguintes temas centrais: Tecnologia; Melhorias urbanas; Transformações; Crescimento do ser humano a partir da idade; Família; Desenvolvimento cognitivo; Evolução humana; Aumento de renda; Afirmação de Melhorias gerais; Violência; Habitação; Poluição; Meio ambiente; Educação e Natureza.

A partir das partir de ideias centrais relativas às respostas ao questionamento *Evolução para mim é...* foram categorizados e elaborados os seguintes DSCs:

Tecnologia

A tecnologia é uma evolução: do celular antigo para o celular atual. Computador e televisão, carro, bicicleta, Televisão nova, não as

velhas! Evolução para mim são os móveis, é objeto, como computadores. Da televisão antiga para TV de plasma com controle. Pra mim revolução é tecnologia! A tecnologia que está crescendo cada vez mais. O aeroporto. Do vídeo cassete para o DVD, Das televisões, computador e mp4. Da máquina antiga para máquina nova. Evoluir na tecnologia é passar do computador antigo para o computador atual (DSC, Tecnologia, 2008, apud ALMEIDA, 2014).

Melhorias urbanas

Evolução para mim são muitas coisas que mudam como, por exemplo, Manguinhos vai ter uma bela mudança, como todos os dias eu dou uma mudança no cabelo. Um dia trançado, no outro cachinho. É o Desenvolvimento. Evolução é evoluir mais o prédio pequeno, qualquer coisa, pô. É a transformação no nosso ambiente, não passar em ruas alagadas. Mudança e adaptação ao lugar onde se vive. É construir mais lojas. Ter Posto de emergência e os hospitais (DSC, Melhorias Urbanas, 2008, apud ALMEIDA, 2014).

Transformações

É o processo de transformação que todo ser vivo é submetido, mas também pode ser evolução de pensamento, uma pessoa tinha uma opinião sobre um assunto e com a passar do tempo já tem outra opinião sobre o mesmo assunto. Isso é evolução para mim. É a Transformação de elementos, de seres humanos. É a lagarta virando borboleta, são mudanças e mais coisas. [...] uma coisa que é pequena e depois fica grande, é uma minhoca virando uma borboleta; É transformação ocorrida no ambiente e nos seres vivos. É a mudança de coisas. É preciso procurar sempre transformar a realidade através de pessoas, instituições, hábitos, atitudes em cima de reflexões e ações com autorrelacionamento. É o processo de transformação e desenvolvimento em que certos elementos simples ou distintos se tornam aos poucos mais complexos ou mais pronunciados (DSC, Transformações, 2008, apud ALMEIDA, 2014).

Crescimento do ser humano

A evolução de uma pessoa é quando uma criança nasce e passa por várias transformações até ficar bem velha: criança, adolescente, adulto. É quando um animal ou uma criança vai crescendo e vai ficando velho, [...] para mim isso que é evolução de uma pessoa. É o humano ficando velho, 5 anos, 11 anos, 15 anos. Evolução das pessoas para mim é quando a pessoa vai se desenvolvendo mais ainda. Por exemplo, quando um ainda está bebê há um tempo, ele vai se evoluindo e ficando rapaz. É a pessoa mudar tão rápido, é isso. É quando crianças passam por transformações até morrer, de quando a gente nasce até morrer. Fino, aí evolui. Cresce de menino para homem. Evolução para mim é mudar, é crescer. Mudança é crescer cada vez mais e evoluir (DSC, Crescimento do ser humano, 2008, apud ALMEIDA, 2014).

Família

Evolução para mim é quando sua mãe te teve, você teve sua filha, sua filha teve a filha dela e assim foi se evoluindo (DSC, Família, 2008, apud ALMEIDA, 2014).

Desenvolvimento cognitivo

É uma coisa que você muda de uma forma muito boa, por exemplo, antes eu tirava R na escola, agora tiro B, o outro menino era RR e agora passou para MB. É crescer, mudança e sabedoria. Um conceito amplo para aplicar em diferentes campos conhecimento humano (DSC, Desenvolvimento cognitivo, 2008, apud ALMEIDA, 2014).

Evolução humana

É uma Transformação como muitos, muitos anos atrás os macacos viraram humanos. Macaquinho, macaco, canibais (lanças), homem (DSC, Evolução humana, 2008, apud ALMEIDA, 2014).

Aumento de renda

Desenvolver cada vez mais coisas e mais rendas. É ganhar dinheiro e aumentar o prédio (DSC, Aumento de renda, 2008, apud ALMEIDA 2014).

Afirmação de melhorias gerais

É a gente mudar e evoluir para melhor, crescer feliz. Evolução para mim é ótimo e também muito importante, mudar para melhor. Quando uma pessoa passa de uma situação ruim para uma situação boa, é uma coisa legal; Sou forte. É ver o mundo virando um lugar melhor para os futuros habitantes (DSC, Afirmação de melhorias gerais, 2008, apud ALMEIDA, 2014).

Violência

Esse homem era bandido, agora ele quer acabar com as armas. É preciso desenvolver, acabar com a violência, conhecer lugares diferentes, ajudar pessoas idosas, sem guerra (DSC, Violência, 2008, apud ALMEIDA, 2014).

Habitação

Evolução pra mim é transformar as casas, por exemplo, uma casa que é pequena e depois fica grande, a casa era muito feia e agora é bonita, era uma caverna e agora é uma casa. As pessoas com suas casas (DSC, Habitação, 2008, apud ALMEIDA, 2014).

Poluição

É preciso de mais gente para trabalhar com os garis, por que os de hoje em dia eu acho que são muito poucos para o Brasil. Os rios precisam de limpeza, tirar o lixo e mudar o mundo. Eu pratico a evolução. Temos que conservar a diversidade, não jogando lixo, não maltratando a natureza, assim, podemos conservar a pista que está cheia de lixo. É preciso evoluir o nosso ambiente, tirar os lixos das ruas e do mundo, manter a cidade e a pista de carro limpa. O meu

bairro precisa de limpeza, cuide do meu bairro. Obrigado! (DSC, Poluição, 2008, apud ALMEIDA, 2014).

Meio ambiente

É preciso evoluir o nosso meio ambiente, as favelas, os mares; Evolução para mim são as transformações ocorridas nos seres vivos possibilitando no meio ambiente que as modificações os tornassem diferentes, gerando a biodiversidade; É o desenvolvimento das espécies que se modificaram ao longo do tempo, tornando-se diferentes e necessitando de se autorrelacionarem para um meio ambiente saudável. Evolução do planeta, o planeta tá legal. Ver os animais se reproduzir para que os animais não fiquem na extinção (DSC, Meio ambiente, 2008, apud ALMEIDA, 2014).

Educação

Evolução pra mim é reciclar a escola, as escolas (DSC, Educação, 2008, apud ALMEIDA, 2014).

Natureza

Eu adoro as flores do meu jardim, cultivar a natureza, colaborar com os animais e a floresta, mais árvores. É mudança para os seres vivos, para que consigam viver em um ambiente modificado pela natureza ou pelo ser humano (DSC, Natureza, 2008, apud ALMEIDA, 2014).

A sistematização dos DSC, associadas à sistematização dos desenhos mostra um panorama dos Enunciados que caracterizam o pensamento, expectativas e avaliações dos participantes acerca da realidade do ano de 2008 em Manguinhos.

Palavras que sintetizam esse discurso são: mudança, progresso, esperança. A intenção é verificar a seguir se no ano de 2012, após quatro anos do processo de implantação do PAC, sob a mesma metodologia, os Enunciados das crianças e adolescentes das mesmas escolas apontam mudanças ou permanências e quais são. Vale ressaltar que em 2012 o tema da SNCT será outro mas, considerando nossas orientações teóricas, o que mobiliza nossa busca são os Enunciados e o que eles nos informam.

4.2 Sistematização dos discursos referentes ao ano de 2012

Para concretizar elementos de comparação entre as realidades de 2008 e 2012 a partir dos Enunciados dos estudantes, consultamos os resultados do projeto produzidos no ano de 2012. Esses resultados foram sistematizados por Almeida (2014) com a construção de DSCs, tendo sido analisadas um total de 270 fichas

respondidas por estudantes, com faixa etária variando entre 8 e 15 anos, predominando a faixa entre 10 e 14 anos (menos de 30 alunos tinham 8, 9 ou 15 anos). Ressaltamos que estes DSCs são resultados das reflexões de estudantes das mesmas escolas da região de Manguinhos, sendo que o trabalho do ano de 2012 envolveu somente a produção escrita, não envolvendo a produção de imagens. O tema da SNCT de 2012 foi *Economia Verde, Sustentabilidade e Erradicação da Pobreza* e a ficha utilizada com os estudantes foi a mesma que ilustra o exemplo na página 33. As perguntas base do ano de 2012 consideradas para o presente estudo foram: *Como é hoje o lugar onde você mora?* e *Como você gostaria que fosse?*

Os DSCs que se seguem foram produzidos a partir das respostas de 2012 à primeira pergunta: *Como é hoje o lugar onde você mora?* A partir das respostas construímos as categorias que se seguem.

Lixo e poluição

A comunidade onde eu moro é cheia de lixo. Está tudo muito sujo. Tem lixo para todos os lados. Tem mais poluição, as pessoas jogam lixo, papel de bala no chão, e a água não tem para onde ir, então ela sai e vai para o mundo sujando tudo. Agora as ruas são muito poluídas, é uma comunidade suja. É tudo sujo, cheio de sacolas de lixo, papel molhado com um cheiro horrível. É feio, poluído, lixo solto pelas ruas, cheio de coco de cavalos, sacolas de lixo abertas para todas as calçadas, é tudo jogado, copo, garrafa... Queria que a rua tivesse menos lixo. Os rios eram limpos, e agora é cheio de lixo. As pessoas jogam lixo no rio, e na rua. O rio é todo cheio de sujeira, cheio de bicho dentro. Quando o lixo tampa o buraco do rio e faz uma enchente, deixa tudo sujo. Com: água parada, bueiros entupidos, rios cheios de baratas, muita fumaça, a água do mangue está preta e suja. Há poluição, drogas, e lixos jogados no rio e pela rua. As pessoas não podem mais ficar no rio.

A minha mãe tem que lavar a porta de casa. Hoje a gente gasta muita sacola de plástico, os rios são cheios e tem muitas embalagens de leite, Dengue. Muita água parada.

Tem lixo para todos os lados, [A comunidade] é maior, mais violenta e com os rios mais poluídos. Hoje é mais poluído que antigamente.

Os bailes são nas ruas, além de não deixarem as pessoas dormirem, sujam tudo. Grande emissão de gás carbônico porque passa muito carro. Tem menos água, pouquíssimas árvores e muitos problemas (DSC, Lixo e poluição, 2012).

Violência

Hoje o mundo não é mais aquele, agora é perigoso, e está sendo devastado pela guerra e destruição. Mudou muito, tem muito mais violência, é cheio de impureza, com problemas, com assaltos, tiros,

matança, ladras e ladrões. Hoje em dia não é nada seguro, só tem tiroteio, bandidos, muita violência.

Existe mais violência que antigamente, mais drogas, muita maldade, muitas pessoas morrendo. Hoje tem brigas, discussão e muitas pessoas más. As pessoas maltratam as crianças e muitas passam fome.

Tá piorando cada vez mais o nosso dia a dia, com risco de vida.

Estamos destruindo esse mundo a cada dia mais, ele está descuidado e sem vida. Há muita água parada, dengue, bueiros entupidos, ruas cheias de lixo, feias, o canal está sujo. Todo lugar onde você vai é poluído e muito sujo, ruim por causa da sujeira, cheio de problemas mas dá para brincar.

As pessoas não respeitam mais ninguém, destruíram tudo o que tinha de bom. É ruim por causa da sujeira, está tudo quebrado, não tem campo de futebol e os bailes fazem mais apologia ao crime. Está feio, é horrível (DSC, Violência, 2012).

Caracterizações positivas

Hoje em dia é sujinho mas até que dá para brincar.

Hoje em dia está bom, melhorou muito. O Brasil está mais organizado, mais bonito, lindo, limpo e paixão de todos. É melhor do que antigamente, agora está sentindo muitas coisas diferentes, tem muitas coisas legais e interessantes. É muito bom, nos divertimos muito.

Minha vida é muito boa, eu brinco e faço muita coisa diferente. Está mais bonita, tem campo de futebol, muitos animais e é ótimo o baile e o Fervo do Mandela. Hoje em dia está maneira e espero que fique melhor ainda (DSC, Caracterizações positivas, 2012).

Na concepção das respostas de *Como você gostaria que fosse?* temos:

Lixo

Primeiro tirar o lixo do rio e depois economizar água. Eu e a minha família só jogamos o lixo na lata do lixo, ajudando a manter tudo limpo. Eu e minhas amigas ajudamos a limpar a rua, manter minha casa limpa e cuidamos das plantas. Os sacos de biscoito do meu lanche eu joga na lixeira.

Nós fizemos uma passeata contra o lixo. Recolhemos o lixo da nossa comunidade, fizemos uma campanha para não jogar lixo. Eu e meus amigos fizemos cartazes para não jogarem lixo nas ruas e rios. Temos que criar uma campanha contra o lixo, botar placas para todos ajudarem a não jogar lixo na rua, juntaria todas as pessoas e formaria um grupo que se chamaria "Lixo não". Eu gostaria que as pessoas não jogassem lixo no chão, eu pedi para eles só jogarem as coisas no lixo até às 12:00, e não jogarem na rua, isso vai ajudar as pessoas (DSC, Lixo, 2012).

Resolver os problemas sozinho/cada um fazer sua parte

Queria ajudar quem não tem casa. Gostaria de ajudar as pessoas, as crianças a não pularem no rio, isso traz doenças para todos nós que pularmos no rio. Por favor, não pulem no rio. Tudo o que for, estou

disposta a ajudar no que for para ser feito, ajudando animais, reciclando, doando coisas aos necessitados, ajudando as pessoas de rua, e etc. Todos nós vamos nos juntar e vamos construir um futuro melhor.

Queria que todos parassem as drogas e as brigas. Queria que o povo não fosse baleado, que tivessem menos tiroteios, menos mortes, que acabassem com o crack e que prendessem os bandidos. Gostaria de evitar drogas na comunidade, evitar a violência, que mudassem o jeito de falar em xingamentos. Gostaria de fazer justiça. Deveria construir novas casas e novos parques, fazer obras e trabalhos, para que todos arrumassem emprego para comprar casa. Gostaria que tivesse menos descaso na saúde pública, e que as pessoas fizessem mais projetos.

Eu faço sozinho meu dever de casa, pesquiso, me arrumo e arrumo a casa. Eu faço tudo sozinho. Eu passei estudando para tirar boas notas na prova. Eu passeio, eu faço dever com minhas colegas. Eu consegui estudando até hoje e consegui chegar seguindo os comportamentos empreendedores. Obedeço aos pais e sempre vou para a escola. Sou honesto e educado.

Não deixar as coisas saírem do lugar. Eu organizei as limpezas da minha casa, limpei meu quintal e joguei o lixo fora, assim, cuidando do meio ambiente. Tirar águas acumuladas, reciclar lixo e garrafas pet nas escolas e com elas fazer trabalhos. Mas não adianta poucos fazerem, tem que ser todos. Todos colaborarem com um futuro melhor, cuidando do planeta para ajudar a fazer um Brasil melhor.

Eu gostaria de construir um lugar melhor de viver com apartamentos para as pessoas morarem. Gostaria de tirar esses meninos que usam drogas das ruas, para eles terem as mães deles. Sem mães, pais e crianças morando nas ruas, mas o sistema é que tem que mudar. O povo brasileiro é muito acomodado. É preciso mais policiamento e que todos os bandidos fossem presos.

A gente tem que respeitar a nossa mãe, ser mais amigo, gentis uns com os outros, conscientizados, não brigando, mas sim construindo paz, seremos mais unidos e pensar mais no próximo, limpos. Menos lixo e menos violência. Geral se conscientizar que a vida vai melhorar (DSC, Resolver os problemas sozinho/cada um fazer sua parte, 2012).

Impotência

Bom, como eu sou menor de idade, minhas providências não tomariam o poder de nada. Não tem nada para fazer. A gente tenta reciclar, mas no outro dia já está sujo. Também, não adianta eles não ajudarem a limpar o rio, essas pessoas são porcas né (DSC, Impotência, 2012).

Coletividade

Todos colaborarem com um futuro melhor, deixarem de poluir o meio ambiente e não jogar lixo nas ruas para não entupir os bueiros. Cuidar bem da natureza, catar as latinhas, botar o lixo na lixeira, tirar todos os lixos da rua, diminuir a produção de lixos tóxicos, evitar desperdício de água, economizar eletricidade, não jogar lixo no rio, deixar de usar o carro e andar pé, assim, ajudando a parar de poluir

o meio ambiente. Muita limpeza, cuidado e felicidade no nosso planeta para acabar com a poluição (DSC, Coletividade, 2012).

4.3 Análise de resultados

Com o PAC sendo implantado na região, tendo seu início exatamente no ano de 2008, os Enunciados desse período evidenciam a consciência dessas crianças e adolescentes em relação aos valores, dúvidas e expectativas da sociedade em que estão inseridas, entendendo que toda a riqueza das expressões observadas revela com clareza essa constatação. Uma frase recolhida nos DSC de 2008, na categoria “Melhorias urbanas”, chama a atenção para a forma que uma criança ou adolescente relaciona a observação da realidade com os valores do universo infantil:

Evolução para mim são muitas coisas que mudam como, por exemplo, Manguinhos vai ter uma bela mudança, como todos os dias eu dou uma mudança no cabelo. Um dia trançado, no outro cachinho (DSC, Melhorias Urbanas, 2008, apud ALMEIDA, 2014).

A associação entre as melhorias urbanas esperadas com a beleza do sujeito social envolvido foi a maneira que a criança ou adolescente encontrou de expressar, dentro do seu conceito particular de mudança positiva, o que esperava para região de Manguinhos. O desejo de ser feliz, melhorar a situação de vida, a renda e a estética da paisagem da região ao lado do que observamos na realidade desse lugar nos faz pensar na importância das melhorias para os habitantes da região na forma de Políticas Públicas, caso essas tivessem realmente acontecido.

A poluição é algo que ganha destaque nas falas das crianças e adolescentes e demonstram o descaso do Estado de maneira geral com a região de Manguinhos, e num contexto geral, com as favelas. As crianças e adolescentes esperavam que seus rios fossem despoluídos, principalmente, por conta das enchentes históricas que assolam a região. A violência expressada pelas crianças e adolescentes em 2008 apontava para um ambiente de crimes, porém, demonstravam algum tipo de esperança e crença em processos de transformações mais profundas dos seres humanos: “*Esse homem era bandido, agora ele quer acabar com as armas*” (DSC, Violência, 2008, apud ALMEIDA, 2014). Podemos dizer que a proporção de respostas que apontam para esse sentimento de esperança é da quase totalidade dos estudantes , considerando o ano de 2008.

Se em 2008 a síntese do discurso pode ser traduzida nas palavras mudança, progresso e esperança observa-se a partir dos DSCs de 2012 uma enorme diferença entre expectativa e realidade. As categorias de DSCs traduzem os sentimentos e preocupações predominantes em 2012, que se aprofundaram em relação ao lixo, à poluição, à violência, à necessidade de se fazer obras como as pretendidas pelo PAC (casas, ruas e praças). Claramente o que vemos quatro anos após o início das obras do PAC fica muito aquém do que se esperava a partir do investimento vultoso em uma política pública considerando as proporções do PAC Manguinhos.

As expressões dos moradores da região de Manguinhos corroboram a discussão oculta nas entrelinhas dos DSCs promovidos pelo público infanto-juvenil. Adiante, iremos exprimir a partir de reportagem, documentários e um relatório, as condições efetivas daquele território posterior ao PAC, ou seja, após 2012.

Ao término das operações do PAC, as obras ficaram incompletas, em meio à escombros de casas destruídas que tiveram seus moradores retirados em meio a processos de indenização duvidosos. O Estado novamente abandonou o gerenciamento de serviços públicos para essa região de favelas, que permanecem à mercê de facções criminosas. A região compreendida nas imagens a serem expostas ainda hoje reflete situação de miséria, falta de saneamento básico, além da omissão da parte governamental em garantir situações mínimas de cidadania. Uma reportagem do *Jornal do Brasil*, datada de abril de 2018, exprime a realidade e apresenta as condições sociais às quais estão submetidos os moradores do complexo de favelas de Manguinhos. No texto, até mesmo o arquiteto modulador do projeto oferecido pelo PAC à região se mostra chocado e triste com a situação atual, pois, não era esta a condição final esperada.

O saneamento básico foi colocado em segundo plano entre as principais obras da região e acabou sendo feito, somado a erros e ineficiência. De modo geral, a péssima rede de esgoto não foi ligada ao “tronco coletor”, o que na prática significa que os dejetos ainda estão sendo jogados no rio:

Rio Jacaré, Manguinhos – RJ



Fonte: Jornal do Brasil (2018)

Ressaltamos que as atividades do PAC-Manguinhos em 2012 estavam praticamente finalizadas no período em que os dados foram coletados. Em comparação com 2008, os dados de 2012 revelam que as crianças e adolescentes se incomodam porque a poluição ainda predomina em Manguinhos, sendo isto exposto com ênfase. Os documentos e documentários relativos à região de Manguinhos desse período realmente revelam a falência e total irresponsabilidade dos governantes e gestores no que se refere aos investimentos no PAC como política pública. Segundo os documentos as enchentes ainda ocorrem e em alguns locais pioraram; as péssimas condições de vida persistem, o saneamento básico previsto no projeto do PAC não ocorreu, o que implica necessariamente na avaliação de que há um desprezo por parte do Estado pela cidadania, ou relação de direitos no que se refere à população de Manguinhos.

A categoria Violência vigora de forma intensa no DSC de 2012, evidenciando que em relação a este tema, a preocupação das crianças e adolescentes se aprofundou:

“Hoje o mundo não é mais aquele, agora é perigoso, e está sendo devastado pela guerra e destruição. Mudou muito, tem muito mais violência [...] existe mais violência que antigamente, mais drogas, muita maldade, muitas pessoas morrendo” (DSC, Violência, 2012).

Fica evidente que a violência, a poluição e os demais problemas enfrentados pela população de Manguinhos, a partir de 2012 se aprofundam no cotidiano dos indivíduos, em especial por meio dos Enunciados das crianças e adolescentes participantes do presente estudo que, por muitas vezes, se veem obrigados a adaptar-se à rotina turbulenta, promovendo a criação de alternativas de alto risco para o enfrentamento do cenário de vulnerabilidade à que todos ficam expostos no dia a dia para trabalhar, estudar e brincar: *“Todo lugar onde você vai é poluído e muito sujo, ruim por causa da sujeira, cheio de problemas mas dá para brincar”* (DSC, Violência, 2012).

A partir dos DSCs de 2012 fica também caracterizado um processo de descrença dos estudantes no papel do Estado como instância coletiva de solução de problemas. Essa é uma perda significativa pois remete à construção de valores individuais acima dos coletivos, e necessariamente à ilusão de que problemas complexos criados a partir da lógica capitalista da produção de desigualdades podem ser resolvidos a partir do “cada um faz a sua parte”. Há, portanto, evidências da constatação por parte dos estudantes de que o amparo essencial do Estado para com Manguinhos não existe, pois, dificilmente ocorre ou é aplicado de maneira insatisfatória. Ao buscarmos evidências nos documentos que amparem as visões constatadas entre os estudantes, concluímos que podemos encarar os desdobramentos do PAC Manguinhos como mais um trauma histórico-social na região, visto que as duas maiores intervenções a partir de políticas públicas – Programa de Saneamento para Populações de Baixa Renda (PROSANEAR) (1995) e PAC (2008), que sustentaram uma promessa generalizada de melhoria de vida para os moradores da região não cumpriram seus propósitos, gerando sensações de abandono e consequente descrédito para com os governos e políticas públicas. Por outro lado, há que se considerar que os moradores ainda desejam saúde e moradia, pois, os Enunciados nos permitem observar que ainda há um grande déficit de reflexão em relação às causas: *“Geral se conscientizar que a vida vai melhorar”* (DSC, Resolver os problemas sozinho/cada um fazer sua parte, 2012). Por que não melhorou? É o questionamento que nos cabe fazer. Tomando os DSCs de 2008 e 2012 como base, verificamos que se apresentam pontuais melhorias, porém, na

avaliação dos estudantes predominam estagnações e retrocessos. Prevalece nos Enunciados sentimentos de desesperança, tristeza e indignação.

O documentário *"PAC Manguinhos: Promessa, desconfiança e esperança"* (2009) corrobora a insatisfação dos moradores em relação aos problemas enfrentados durante as obras do PAC. Segue-se o depoimento de um morador:

São cinco pessoas aqui dentro, criança e tudo, e a realidade é isso aqui: Não tenho emprego, nada...
 - E antes dessas obras [seu comércio] era muito cheio?
 Era... caiu muito e eu não to conseguindo vender nada por conta desse lixo, que acaba enchendo de rato e eu não to conseguindo. Acaba roendo as coisas que eu estou comprando [pra vender]. Não estou tendo sossego! É muito rato, muito rato! E os outros bicho, lacrais, que ta aparecendo aqui... antigamente eu vendia um trocadinho, mas hoje em dia fechou. Eu tinha uma entrega ali, aí fechou! O movimento aqui caiu. Não to conseguindo arrumar nada! Só incluindo para quando sair eu tiver outro canto pra viver (Ivanildo José Barbosa, morador. Fonte: PAC Manguinhos: Promessa, Desconfiança, esperança, 2009)

O pós-PAC nos mostra a partir do documentário *"Cada Luto, uma luta"* (2015), que se foi ruim o cotidiano dentro de um grande canteiro de obras, que se tornou Manguinhos durante a implementação do PAC (2008-2012), após seu término não houve assistência necessária e a presença de policiais no território se mostrou criminalizadora da totalidade dos moradores introduzindo a violência armada cotidiana por parte do Estado, que passou a, em nome da perseguição ao tráfico de drogas, a ameaçar a vida dos moradores em lugares públicos. É nesse contexto que os estudantes passaram a clamar por PAZ. Muitas vítimas desse contexto social são analisadas no decorrer do documentário que tem como foco a luta das mães, que buscam por justiça perante o assassinato de seus filhos e melhorias no cotidiano da guerra em que estão inseridas. Segue-se o depoimento de Ana Paula, mãe de um jovem assassinado em Manguinhos:

O caso dos nossos filhos, foram todos executados covardemente, brutalmente pela polícia em nome do Estado, né? Pra gente é sempre a mesma dor, por que a gente tem que carregar a dor, a dor, que é uma dor que a gente vai carregar pro resto das nossas vidas. A dor da perda dos nossos filhos, que é uma perda irreparável. E ao mesmo tempo a gente carrega essa dor, que eu acho que muito pior que a dor da perda é a dor de ver nosso filho ali criminalizado, sabe? Marginalizado, sabe? Por que eles fazem isso com o aval dessa sociedade que ta aí. Essa sociedade preconceituosa. (Ana Paula, moradora de Manguinhos, mãe do

Johnathan, jovem morto em uma ação da UPP. Fonte: Cada Luto, uma luta, 2015)

Vale ressaltar que os jovens vítimas dos assassinatos que hoje testemunhamos são os mesmos estudantes que em 2008 e 2012 nos trouxeram seu contexto social a partir de respostas a questionamentos ou por meio de desenhos. Vale perguntar como estará a saúde mental dessas crianças e adolescentes que se tornaram jovens em meio a esperanças desfeitas e a reiteradas decepções? Como se sentem ao se verem transformados em algozes de uma sociedade na qual em realidade são vítimas das Políticas Públicas que lhes rouba a cidadania e a materialidade da vida em um mundo regido por valores materiais?

Em 2024, doze anos após a finalização do PAC-Manguinhos a realidade ainda é socialmente constrangedora para os moradores da região. Alagamentos, péssimas condições de saneamento, falta de acessibilidade (etc). Uma referência de mobilidade urbana na comunidade, a rua São José, a partir de pesquisas junto aos moradores e sintetizadas no Relatório *Pac Manguinhos: Problemas Não Resolvidos e Recomendações*, é analisada mostrando as dificuldades enfrentadas diariamente na região. Fotos, depoimentos e documentos diversos são expostos no relatório (que é público) afim de apresentar os problemas e sugerir soluções, a partir de consulta popular dos moradores.

Senhor com dificuldades de locomoção, Manguinhos - RJ



Fonte: Relatório PAC Manguinhos - problemas não resolvidos e recomendações (2016)

Alagamento na Rua São José, Manguinhos - RJ



Fonte: Relatório PAC Manguinhos - problemas não resolvidos e recomendações (2016)

Casa afetada pelas obras do PAC, Manguinhos – RJ



Fonte: Relatório PAC Manguinhos - problemas não resolvidos e recomendações (2016)

Área denominada "Iraque" na Rua São José, Manguinhos – RJ



Fonte: Relatório PAC Manguinhos - problemas não resolvidos e recomendações (2016)

As imagens acima explicitam a realidade na comunidade de Manguinhos, muito aquém das promessas de aporte de obras de infraestrutura, integração, saneamento, dentre outras, que geraram expectativas positivas junto aos moradores

diante desta política pública que, em sua aplicação mostrou-se extremamente controversa.

Três ações foram ajuizadas em 2018 pelo Ministério Público do Estado do Rio de Janeiro a partir de manifestações dos moradores em relação ao superfaturamento das obras do PAC em 2008. Luiz Fernando Pezão, ex-governador do estado, vice-governador e secretário de obras à época da implementação do PAC é o principal investigado.

De acordo com as ações, os três contratos analisados, que contemplavam melhorias nas comunidades carentes com verba pública financiada pelo Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES), sofreram superfaturamento nos valores e beneficiaram as construtoras e seus proprietários. (MPRJ, 2018)

Nosso foco não é especular corrupção, mas sim mostrar que os moradores das favelas, diante de tantas contradições, estão em constante movimentação social e pouco a pouco buscam conquistar espaços de cidadania e valorização, mesmo diante da situação de vulnerabilidade e desigualdade social que permeia seu cotidiano.

5 CONCLUSÃO

A partir desse estudo pudemos evidenciar que ocorreu uma reconfiguração substancial na dinâmica urbana da região de Manguinhos – RJ, sendo esta recebida, a grosso modo, de forma negativa pela população do território e entorno, pois as expectativas não foram condizentes com a realidade no pós-PAC. Obras permanecem inacabadas, falhas estruturais ainda circundam as edificações e as prioridades podem ser consideradas parciais aos interesses políticos e do Capital. À de exemplo, o fato do saneamento básico ter sido sobreposto em relação à elevação da via férrea na avenida Leopoldo Bulhões.

A questão socioambiental na região ainda é um problema de risco iminente e demonstra, de forma clara, o desprezo do Estado em relação a qualidade de vida da população. Os rios que envolvem seu entorno ainda estão poluídos no ano de 2024 e as valas a céu aberto acompanham as ruas na comunidade.

Deixar de cuidar também pode ser considerado uma forma de obter o controle por parte do Estado. Sendo assim, Weber (2017), nos ajuda nesta compreensão:

O Estado é a comunidade humana que (com sucesso) reivindica o monopólio do uso legítimo da força física dentro de um determinado território. Note-se que 'território' é um componente necessário da definição. Enquanto uma autoridade pode tentar exercer o controle dos 'resíduos' de força e violência em áreas periféricas, isto só pode ser bem-sucedido se baseado em uma preponderância do poder organizado dentro do 'território' em questão (Weber, 2017, p. 53)

Sustento, desse modo, que a hipótese apresentada nesta dissertação se faz assertiva visto que há contradições apontadas relacionadas a expectativa e realidade indicadas pelas expressões das crianças e adolescentes, no que concerne à implantação de políticas públicas de urbanização na região. O imaginário do público infante-juvenil está alinhado com o cotidiano em que vive e eclode aos nossos olhares, sem ao menos perguntarmos diretamente sobre determinados assuntos.

Podemos reconhecer que esta pesquisa não se encerra aqui, proporcionando possibilidades para novas interpretações acerca dos DSCs e das artes produzidas pelas crianças e adolescentes, que foram o público-alvo de fato em nossa

investigação. Temos a convicção de que o material explorado neste estudo é de riquíssima qualidade e ainda pouco apreciado no âmbito acadêmico e cultural. Nossa esperança é de que a comunidade, não apenas acadêmica, mas também artística, incline-se sobre este objeto para prover-lhe a dignidade e reconhecimento merecidos.

Dito isto, concluo acentuando que a ciência e a arte podem agir em confluência, basta que sigamos as transparências e parâmetros, tão necessários e garantidores para sua respectiva qualidade. Esta condição ganha um caráter especial quando tratamos das ciências humanas. Ademais, faço um esforço para que a sociedade valorize a sua parcela em situação de vulnerabilidade e volte seus olhares para as diversas formas desta se expressar, principalmente nas concepções atribuídas ao público infanto-juvenil.

REFERÊNCIAS

AKERMAN, Marco et al. Avaliação em promoção da saúde: foco no "município saudável". **Revista de Saúde Pública**, v. 36, p. 638-646, 2002.

ALMEIDA, Luyra Santos de. **O projeto Tecendo Redes por um Planeta Terra Saudável**: a metodologia colaborativa entre o Museu da Vida e as escolas públicas vizinhas à Fundação Oswaldo Cruz em prol do direito à cidade. Monografia, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, 2014.

ARAÚJO, João Batista Oliveira. **Cidadania escassa, controle negociado e os movimentos populares em favelas**: reflexões a partir do estudo de caso do Fórum Social de Manguinhos, no Rio de Janeiro – Rio de Janeiro. Dissertação de Mestrado - Universidade Federal do Rio de Janeiro, Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano e Regional p. 28-29, 2011.

BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. Trad. Paulo Bezerra. Prefácio à edição francesa Tzvetan Todorov. 4ª ed., 2ª tiragem. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

BAKHTIN, Mikhail. **Marxismo e filosofia da linguagem**. Trad. Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira. Prefácio de Roman Jakobson. 2ª ed., São Paulo, Editora Hucitec, 1981.

BONATTO, Maria Paula de Oliveira. Arquivo. Documentos gerados a partir do projeto **Tecendo Redes por um Planeta Terra Saudável**. Material referente aos anos de 2008 e 2012.

BONATTO, Maria Paula de Oliveira; VASCONCELLOS, Maria das Mercês Navarro. "Tecendo redes para a educação: cultura e intersetorialidade". In: **Anais do 2º Simpósio Brasileiro de Saúde e Ambiente**, 19-22/10/2014, Belo Horizonte, Minas Gerais, 2014.

BOURDIEU, Pierre. **Espaço social e espaço simbólico**. In: Rio de Janeiro: Zahar, 1977.

BRAIT, Beth., **Bakhtin, Conceitos-chave**. In: (org.) – São Paulo: Editora Contexto, 2005.

BRASIL, Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovações (MCTI). Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico. **Semana Nacional de Ciência e Tecnologia**. Consultado no endereço eletrônico <<https://www.gov.br/cnpq/pt-br/assuntos/popularizacao-da-ciencia/semana-nacional-de-ciencia-e-tecnologia>> no dia 02/05/2024 às 21:00, 2021.

BRASIL, Governo Federal. **PAC: Relatórios**. Consultado no endereço eletrônico: <<https://bit.ly/2K5LfKF>> no dia 21/02/2024 às 21:00, 2013.

BRASIL, Ministério do Planejamento, Desenvolvimento e Gestão. **O que é o PAC?**. Consultado no endereço eletrônico <<https://bit.ly/2N52xFB>> no dia 04/03/2024 às 14:12, 2015.

BRASIL. Decreto n. 6.025, de 22 de jan. de 2007. **Programa de Aceleração do Crescimento**. Brasília, DF, fev. 2007. Planalto Federal, Consultado no endereço eletrônico: <<https://bit.ly/2InV0kl>> no dia 10/03/2024 às 22:00, 2007.

BUSS, Paulo Marchiori; PELLEGRINI, Alberto Filho. A Saúde e seus Determinantes Sociais. **PHYSIS: Rev. Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, 17(1):77-93, 2007.
CHESNAIS, François. **Mundialização: o capital financeiro no comando**. Revista Outubro, Edição 5, Artigo: p. 13 – 17, 2015.

CHISTÉ, Priscila; DOS SANTOS, Mariana; CÔCO, Dilza. **Análise de entrevistas sobre estudos da cidade por meio da teoria da análise dialógica do discurso de Mikhail Bakhtin**. In: Campo Abierto, v. 39, n. 2, p. 107-122, 2020.

CHISTÉ, Priscila; DOS SANTOS, Mariana; CÔCO, Dilza. Segregação espacial e educação na cidade: contribuições da entrevista de Ermínia Maricato. In: **Simpósio Nacional de Geografia Urbana. XVI SIMPURB**, 2019.

CORREIA, Guilherme Torres; RIBEIRO, Victoria Maria Brant. **Dialogando com Bakhtin: algumas contribuições para a compreensão das interações verbais no campo da saúde**. Artigo, Rio de Janeiro. Revista Interface: Comunicação, Saúde, Educação, v. 16, n.41, p. 331-341, 2012.

COSTA, Augusto Cesar; LOUREIRO, Carlos Frederico. A **interdisciplinaridade em Paulo Freire: aproximações político-pedagógicas para a educação ambiental crítica**: p 111-121. Artigo Acadêmico, 2016.

DAFLON, Rogério. Legado do PAC-Manguinhos: sonho frustrado da “rambla”, falta de saneamento e prédios deteriorados. **Jornal do Brasil**, publicado em 24/04/2018. Disponível em: <<https://abrir.link/WeGbS>>. Consultado em 03/02/2024.

DE MOURA, Edite Marques. **Leitura em Paulo Freire e Bakhtin: palavras e mundos**. In: Pedro e João Editores, 2019.

FERNANDES, Tania Maria; Costa, Renato Gama-Rosa. As comunidades de Manguinhos na História das favelas no Rio de Janeiro. **Revista Tempo**, Vol. 19 n. 34, Artigo: p. 124, 2013.

FIOCRUZ. Rede PDTSP-TEIAS Escola Manguinhos. **“Tecendo Redes por um Planeta Terra Saudável” Polo Manguinhos**. ENSP, 2012. Acessado em: 05/05/2024. Disponível em: <<https://encurtador.com.br/Orzdl>>.

FONTES, Virgínia. **Capitalismo, Exclusões e Inclusão Forçada**. Rio de Janeiro, Revista Tempo, Vol. 2, nº 3: p. 34-58, 1996.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 54ª ed – Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2016.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. In: São Paulo: Paz e Terra, 1974.

FREY, Klaus. Políticas públicas: um debate conceitual e reflexões referentes à prática da análise de políticas públicas no Brasil – Curitiba. Artigo - **Revista Planejamento e Políticas Públicas** No 21 – jun, 2000.

FUSTER, Danilo André. **Ciclo de Políticas Públicas**. Escola Superior de Gestão e Contas Públicas. Ensaios, 2019.

GERMANO, Marcelo Gomes. **Popularização da Ciência: Uma revisão conceitual**. Campina Grande, PB - UFPB Cad Bras Ens Fís v 24 n 1: p. 7-25, 2007.

GOMES, Cláudia Suely Ferreira; GUERRA Maria das Graças Gonçalves Vieira, Educação dialógica a perspectiva de Paulo Freire para o mundo da educação. **Rev. Ed Popular, Uberlândia**, v 19, n 3, p. 4-15. set -dez. 2020. Disponível em: <<https://seerufu.br/index.php/reveducpop/article/view/52847>> Acesso em 02/06/2024.

GONÇALVES, Simone; AVANCI Quintes; PESCE, Renata; XIMENES Liana Furtado. Situação de crianças e adolescentes brasileiros em relação à saúde mental e à violência. **Revista Ciência & Saúde Coletiva**, Artigo, p. 353, 2009.

GONDIM, Sônia Maria Guedes; FISCHER, Tânia. O discurso, a análise de discurso e a metodologia do discurso do sujeito coletivo na gestão intercultural. In: **Cadernos Gestão Social**, Vol. 2, Nº 1, 2009.

GOOGLE MAPS. Escolas em Manguinhos. **Roteiro entre escolas na região de Manguinhos**. Disponível em: <<https://bit.ly/2v6npGq>>. Acesso em: 10/03/2024 às 10:31, 2018.

GOOGLE MAPS. Manguinhos. **Região de Manguinhos**. Disponível em: <<https://bit.ly/2LGJLIM>>. Acesso em: 10/03/2024 às 21:21, 2018.

INSTITUTO PEREIRA PASSOS, Censo 2010. **A Cidade do Rio de Janeiro** - Apresentação de Sérgio Guimarães, Diretor de Informações da Cidade do Instituto Pereira Passos. Rio de Janeiro. Atas de Reuniões, Prefeitura do Rio de Janeiro, Conselho Estratégico de Informações das Cidades, 2012.

LAGO, L. C. do; RIBEIRO, L. C. de Q. A divisão favela-bairro no espaço social do Rio de Janeiro. **Cadernos Metrópole**, (05), 29–46, 2012.

LEFÈVRE, Fernando; LEFÈVRE, Ana Maria Cavalcanti. **Discurso do sujeito coletivo: representações sociais e intervenções comunicativas**. Florianópolis, SC – UFSC Revista Texto e Contexto Enfermagem: p. 502-507, 2014.

LESSA, Celia Kerstenetzky. Políticas públicas sociais. Rio de Janeiro. Universidade Federal Fluminense, Pró-Reitoria de Graduação. **Centro de Estudos sobre Desigualdade e Desenvolvimento**. Texto para Discussão nº 92, 2014.

LOUREIRO, Carlos Frederico B. (2007) **Emancipação**. p. 161. Consultado no endereço eletrônico: <<https://bit.ly/2K6nulJ>>, dia 25/02/2024 às 21:30.

LOUREIRO, Carlos Frederico B. Emancipação e complexidade: para o repensar das tendências em Educação Ambiental. **Cadernos de Educação (Pelotas)**, v. 1, p. 147-162, 2007.

MONTEIRO, Leonardo. **PAC como Política Pública: um olhar das crianças de Manguinhos** – Rio de Janeiro. Especialização - Ciência, Arte e Cultura na Saúde IOC/FIOCRUZ, 2019.

MARCOLINO, Adriana; CARARINE, Cloviomar; BIAVA, Joana; et al (2023). Nota Técnica. Novo Plano de Aceleração do Crescimento (PAC): A retomada dos investimentos e os possíveis impactos para o desenvolvimento brasileiro. In: **Departamento Intersindical de estatística e estudos socioeconômicos – DIEESE** - Número 276 13 de setembro de 2023.

MARX, Karl. **O Capital**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, vol. 1, 2006.
MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.). **Pesquisa Social. Teoria, método e criatividade**. 18 ed. Petrópolis: Vozes, p. 07-80, 2001.

MINISTÉRIO PÚBLICO DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO. **MPRJ ajuíza três ações contra Pezão, ex-secretários e empreiteiras por superfaturamento em obras do PAC das Favelas** - Rio de Janeiro. Disponível em <<https://bit.ly/2X6WbdQ>> Acesso em 26/02/2024 às 12:30, 2018.

DOS SANTOS, Orlando Alves Junior. CHRISTOVÃO, Ana Carolina. NOVAES, Patrícia Ramos. Políticas públicas e direito à cidade: programa interdisciplinar de formação de agentes sociais e conselheiros municipais. Rio de Janeiro : Letra Capital: **Observatório das Metrôpoles : IPPUR/UFRJ**, 2011.

PAC Manguinhos: O Futuro a Deus pertence? Direção: Fabiana Melo Souza e Ludmila Cardoso de Oliveira. Produção: LTM/Fiocruz, Documentário, 2008, DVD (17 min). Youtube, 02/02/2017. Disponível em: <<https://bit.ly/2Ube1ei>>. Acessado em 04/07/2023.

PAC Manguinhos: Promessa, Desconfiança, esperança. Direção: Fabiana Melo Souza. Produção: LTM/Fiocruz, Documentário, 2009, DVD (40 min). Youtube, 20/05/2014. Disponível em três partes em: <<https://bit.ly/2ULNgSc>> <<https://bit.ly/2D5isSc>> <<https://bit.ly/2VFtgxG>>. Acessado em 04/07/2023.

PIRES, Vera Lúcia. **Dialogismo e alteridade ou teoria da Enunciação em Bakhtin**. São Paulo. Universidade de São Paulo (USP), Sistema de Apoio às Disciplinas (e-disciplinas), 2002.

PIRES, Vera Lúcia. Knoll, Graziela. Cabral, Éderson. Dialogismo e polifonia: dos conceitos à análise de um artigo de opinião. **Letras de Hoje**, Porto Alegre, v. 51, n. 1, p. 119-126, jan.-mar, 2016.

PIVETTA, Fátima (coord); CARDOSO, André; PORTO, Marcelo; CUNHA, Marize, et al. **PAC Manguinhos: Problemas não resolvidos e recomendações**. Rio de Janeiro, LTM – Fiocruz, Arquetizando Intersubjetividades – UNISUAM, LSECAU. Relatório, p.15 – 32, 2016.

PIVETTA, Fátima; CUNHA, Marize; PORTO, Marcelo; ZANCAN, Lenira. **Leituras sobre Políticas Públicas: O PAC Favelas como Mirante de Observação**. Rio de Janeiro, ENSP – Fiocruz, p. 5 – 33, 2018.

POPULACAO.NET. **A população de Manguinhos** - Rio de Janeiro. Disponível em <<https://bit.ly/2G3nFOx>>, 2018.

RIBEIRO, Marcelo Gomes; RIBEIRO, Luiz-Cesar de Queiroz. **Segregação socioespacial e desigualdades de renda da classe popular na metrópole do Rio de Janeiro, Brasil**. In: vol 47 | n 27 o 142 | septiembre 2021 | pp. 27-48 | artículos | ©EURE, 2021.

RIBEIRO, Victor. **Cada Luto, uma luta**. Youtube, 05/07/2015. Acessado em: 04/03/2024. Disponível em <<https://bit.ly/2lr6eqI>>.

RICHARDSON, Roberto Jany. **Pesquisa social; métodos e técnicas**; colaboradores José Augusto de Souza Peres (et al.). - 3. ed. - 14. reimpr. - São Paulo : Atlas, p. 79-87, 2012.

ROCHA, Patrícia. **Determinação ou Determinantes? Uma discussão com base na teoria de Produção Social da Saúde**. São Paulo, SP – USP Revista da Escola de Enfermagem da USP: p. 129-135, 2015.

SOUZA, Celina. Políticas Públicas: uma revisão da literatura – Porto Alegre. Artigo - **Revista Sociologias**, Porto Alegre, ano 8, nº 16, jul/dez 2006, p. 20-45, 2006.

THALHEIMER, August. **Introdução ao Materialismo Dialético. Fundamentos da Teoria Marxista**. Baseado na tradução de Luiz Monteiro, Edição da Livraria Cultura Brasileira, coleção Cultura Política e Economia, impresso na Empresa Gráfica da Revista dos Tribunaes, Rua Xavier de Toledo 72, em Junho de 1934 SP, SP. Digitação e Revisão: CVM, novembro de 2014.

TRINDADE, Claudia Peçanha da. **“Não se faz omelete sem quebrar ovos”. Política pública e participação social no PAC Manguinhos** – Rio de Janeiro. Tese de Doutorado, Universidade Federal Fluminense, Instituto de Ciências Humanas e Filosofia, 2012.

TRINDADE, Claudia Peçanha da. **Política Pública e o Direito à Cidade em Manguinhos, Zona Norte do Rio de Janeiro**. Rio Grande do Norte. Artigo, XXVII Simpósio Nacional de História, Conhecimento histórico e diálogo social, ANPUH, 2013.

VALLADARES, Licia. A gênese da favela carioca: a produção anterior às ciências sociais. In: **Revista Brasileira de Ciências Sociais** - VOL. 15 No 44 - RBCS Vol. 15 no 44 outubro/2000.

VASCONCELLOS, Maria. **EDUCAÇÃO AMBIENTAL NA COLABORAÇÃO ENTRE MUSEUS E ESCOLAS: limites, tensionamentos e possibilidades para a realização de um projeto político pedagógico emancipatório.** Programa de Pós-graduação em Educação UFF - 2008.

WEBER, Max. **Economia e Sociedade:** Fundamentos da Sociologia compreensiva", Volume 1. Editora UnB, 2017.